

Director, editor e proprietário
Antonino Dias Pinto de Castro
Redacção e Administração:
Rua da Rainha, 56-A
Telef. 4315

Notícias de Guimarães

Composição e impressão
TIP. IDEAL
Telef. 4381
VISADO PELA CENSURA
— AVENÇA —

FUNDADO EM 1932

A reunião dos Militares do Regimento de Infant.ª 20

No domingo passado a parada exterior e as imediações do Quartel pareciam povoadas daquela gente que ali acorria outrora à espera da formatura geral do Juramento de Bandeira.

Nem uma farda, nem um toque de corneta, nem aquele bulício que dantes se adivinhava atrás dos muros do quartel, nem uma sentinela, nem a bombarda, mas esperava-se qualquer acontecimento que trazia um grupo apegado àquelas velhas paredes e nelas desenhava imagens já difíceis de adaptar, e o fazia voltar ao tempo em que tudo aquilo vivia, tinha alma, cor e som.

Apesar da ausência das fardas todos eram militares e olhavam comovidamente aquele edifício e uns para os outros a perscrutarem nas rugas e cabelos brancos, no curvado do corpo, os moços despenhados e vigorosos que foram há cinquenta anos.

Um grupo aqui, outro acolá, iam-se juntando ao sabor da convivência mais estreita, e por fim todos se chegaram na franca camaradagem que sempre os uniu na disciplina das hierarquias, e que agora desapareceu na mais estreita confraternização de velhos amigos e companheiros de armas.

Aqui o major Miguel Ferreira, com a sua pera de bondoso Mefistófeles, que até o Padre Eterno aceitaria no seu convívio, apertava comovidamente num abraço o major Manuel de Almeida, vindo expressamente de Lisboa, e que não via há quarenta e tantos anos, e em volta dos dois o capitão Garcia e major Miranda, recordavam belos tempos do quartel do 20.

Noutro grupo o capitão António Couto e Vasconcelos, que muitos não viam há quarenta anos, o Pedras, Guerreiro, os dois Cruz e alferes Caldas, apontavam aqui e acolá os locais do que desapareceu e era o seu ambiente familiar.

Mais adiante, chefiados pelo João Paulo Mexia, de monóculo, o grupo dos «velhos rapazes» contava anedotas e, sobretudo, recordava a boa camaradagem e actos de verdadeira amizade que uniam chefes e subordinados — o Guedes Gomes, Bernardo, Campos de Carvalho, Alvaro Campos, Carvalho e Melo e Pedro Machado.

Mais pausadamente, mas vivazes, como que a endireitarem a estrutura no aprumo militar, os mais graduados andavam por todos os grupos, cumprimentando aqui, abraça acolá, umas palmadas nas costas a renovar velhas amizades — coronéis Mário Cardoso e Malaquias Guedes, e tenente-coronel Martins Ferreira.

Fazendo fundo a este cenário de graduados, e nele tomando também parte na mesma comunicação amiga e fraternal sem distinção de categorias e a lembrar peripécias esquecidas e lances passados naquele recinto, soldados que ali daram o seu tempo militar, sem preocupações de não se terem guindado a altos postos, como o Comendador Pimenta Machado, o industrial de Vizela, Oliveira, e de Guimarães, Ribeiro da Silva, acompanhados dos seus operários que serviram no 20, como o Reitor que andou pelo Cuanhama, cabos, sargentos, como o António Mendes, espingardeiro, o Garcia, o Mendes e bastantes mais que desejava citar, se tivesse presentes os seus nomes.

Todos tinham nos olhos a imagem do velho Quartel e recordavam quadros da sua mocidade e lastimavam a falta do mais idoso, o coronel Amaral, por motivo de luto, e por falta de saúde, o coronel Vilas e o major Zeferino Campos.

Ouve-se um toque — sinal do Regimento e de unir — era a chamada para a Missa na capela de S. Miguel do Castelo, celebrada pelo Reverendo Arcipreste de Guimarães, que assim se associou gentilmente e graciosamente a esta cerimónia.

Tinha chegado o Ex.º Presidente da Câmara e tinha-se tirado o grupo fotográfico dos 100 assistentes que puderam comparecer e todos se dirigiram para a Capela onde, com o simbólico toque de continência à Elevação, se realizou a Missa pelos que faleceram.

Depois foi a visita ao Quartel e uma surpresa do Castro, chefe da Banda do Pevidém, que foi músico da Banda do 20, com uma marcha dedicada ao velho 20 e a Guimarães, entrelaçando com felicidade, como motivos musicais, o sinal do Regimento e o Hino da Cidade.

A visita facultada por intervenção oficiosa do sr. Presidente da Câmara e concedida gentilmente pelo sr. Arquitecto Benavente, foi uma romagem de saudade, mas de verdadeira saudade, porque aquilo está realmente muito bonito, mas não se parece nada com a «caserna» que ocupou as pitorescas ruínas dos Paços dos Duques.

Andamos por lá desorientados à procura dos lugares onde passámos a nossa vida militar — aqui foi a Secretaria, mais adiante foi isto ou aquilo, mas tudo tão cortado de corredores, portas e salas, escondidos e escadas, atravancado de andaimes e frio, desolado e falto de alma, que parecia o cadáver embalsamado de um velho casquilho, óco e desdentado a tentar sorrir aos seus velhos amigos.

Mas, ainda assim, ao deixá-lo, nos voltamos para o contemplar mais uma vez com saudade; e muito gratos ficamos a quem facilitou a visita.

Terminou tudo pelo almoço para o qual se inscreveram uns 70, a que se acrescentaram uns 8 ou 10 a quem o Comendador Pimenta Machado ofereceu a inscrição por saber que não tinham posses para isso, gesto de camaradagem que é escusado encarecer.

Ao toque de — formar companhias para o rancho e de avançar — todos tomaram os seus lugares, dos quais apenas os da presidência estavam marcados e os outros se instalaram indistintamente.

Antes de começar propuseram-se uns momentos de concentração de homenagem ao coronel Amaral e que a Mesa o fosse cumprimentar a sua casa, no final.

Um almoço destes já toda a gente sabe como se passa — com alegria, bons ditos e o borborinho próprio das conversas animadas.

Foram lidos um telegrama do capitão Martins Fernandes, uma carta do tenente Coelho, recebeu-se um telefonema do coronel Sousa Guerra, uma mensagem do Rotary Clube de Guimarães e uma carta do sargento Vitor Manuel Venâncio da Silva.

A Comissão cumprimentou o sr. Presidente da Câmara, que acedeu a representar Guimarães nesta festa, e apresentou em meia dúzia de palavras a justificação desta reunião e a sua finalidade, que consiste em preparar a comemoração do quadragésimo aniversário do feito de 12 de Março de 1918 e a erecção do Monumento aos Mortos da Grande Guerra.

Atribuíram-se os méritos desta reunião, como era de justiça, a entre outros, coronel Sousa Guerra e tenentes Bernardo e Campos de Carvalho.

O soldado número 709 da 2.ª companhia de Infantaria 20, no período de 1917 a 1919, ofereceu então a importância de vinte contos para o Monumento, oferta que foi marcada por grandes aplausos.

Proferiu algumas palavras, em nome da Liga dos C. da G., o cabo João António da Silva Guimarães, saudou em verso o tenente

V I D A

*Febo num carro d'oiro, fulgurante,
Vem abraçar a amada, a deusa Flora...
A Terra Mãe acorda delirante
Por ver chegar a fase criadora...*

*Olhai a Primavera, é ela, arfante!
Mas que linda que vens, Real-Senhora!...
E que manto que trazes deslumbrante,
Que vestido de luz da Luz da Aurora!...*

*Olhai as andorinhas! Suas asas
São beijos que se roçam pelas casas
A' procura com ânsia de seus ninhos...*

*Já não cai neve, não, louvado Deus!
A' braseira do Sol que vem dos Céus:
Crianças aquecei os pés roxinhos.*

MARÇO de 1956

DELFINO DE GUIMARÃES.

SOCIEDADE DE FESTAS DE CONCERTOS da Cidade

«MOREIRA DE SÁ»

Continuando a sua actividade cultural, esta Sociedade de Concertos vai realizar o 3.º concerto da presente temporada com a apresentação dos jovens Artistas portugueses, de valor consagrado, Vasco Barbosa, violinista, e sua irmã Grazi Barbosa, pianista.

Mais uma noite de Arte será sem dúvida a da próxima terça-feira, dia 20 do corrente, no salão nobre da Sociedade Martins Sarmento, dada a categoria dos Artistas que colaboram neste concerto.

Pinto e o Rev. capelão tenente João Lindoso, num inflamado improviso se referiu ao Monumento.

O sr. Presidente da Câmara encorreu os discursos com uma comovida saudação aos militares do extinto Regimento 20, invocando a circunstância de seu Pai ter ali servido e estar presente na reunião, o que visivelmente comoveu o tenente-coronel Ferreira.

A Emissora Nacional, a pedido do sr. Governador Civil, registou algumas passagens desta reunião para o «Panorama de Braga».

Depois dos cumprimentos ao coronel Amaral, a que afinal compareceram todos os presentes, terminou esta reunião, que tão boas impressões deixou, que todos pedem para se repetir anualmente.

Há que nomear a comissão executiva do quadragésimo aniversário, e isso expor-se-á a seu tempo.

Pela parte que tomei nesta festa e na sua preparação, que, repito, não foi mais do que difundir os desejos dos camaradas citados, agradeço muito sensibilizado a todos os que acudiram a esta chamada, saudando os que não puderam comparecer e aqueles que bem o desejariam se de tal soubessem.

Juqueiros — Felgueiras,
14 de Março de 1956.

A. DE QUADROS FLORES.

Bem haja quem é pela nossa Terra!

Todos os vimaraneses, de verdade, têm uma espécie de narcisismo pela sua terra.

A terra dos nossos vizinhos pode ser linda; mas aquela que nos viu nascer, não lhe é inferior. Que digo: sobreleva-as!

E todos nos embebecemos quando alguém, estranho a ela, a exalta. Correspondendo a este sentimento admirativo, quero reproduzir aqui o canto amoroso de um forasteiro, amigo e culto.

Atentem neste preito de vassalagem inspirado na fisionomia medieval de Guimarães, à hora da nossa celebração Milenária:

Todos os amantes da Inigualável terra de Afonso Henriques, da rudeza heróica do seu Castelo, da beleza grave das suas ruas, onde ecoam ainda, no lajedo espaçoso, marchas de guerreiros cobertos de ferro, e onde, pelas fachadas das casas antigas e em frontarias de paços magníficos, se ostentam rendadas gelósias e varandas, autênticas obras de arte; todos os que, admirando a velha urbe, rezam em seu coração ou clamam em alta voz, para que se respeite o seu doce vultu antigo, como de fidalga castelã, conservando o seu sonho e a sua graça pelos séculos em fora...; todos os que pasmaram no seu museu arqueológico ou em Briteiros e Sabroso...; todos os devotos das igrejas e capelas guimaranenses, festões de pedra e talha floridas, ou da imponência megalítica da sua Penha...; todos os que, sentindo o coração do seu Povo, com ele gozam as suas festas alacres, ou choram as grandezas perdidas...; todos nós, enfim, os deste nosso Antre-Doiro-e-Minho indivisível, e de Portugal inteiro, comungamos no júbilo da terra de Guimarães, vibramos no entusiasmo que suas glórias despertam, celebramos jubilosos o seu milenário de existência.....»

Este canto sonoro e belo, que reproduzo da revista *Bracara Augusta*, — publicação de perfeito mérito cultural —, tem como seu

autor o dr. Francisco José Veloso, distinto magistrado e escritor, da minha maior consideração.

Formoso panegírico é este que só a Guimarães antiga bem mereceu dos nobres espíritos, aos quais cativa e emotiva a face austera da nossa terra — naquilo que ela tem de fundamente histórico, nos seus monumentos, nas suas ruas, no seu casario, no seu carácter, em suma, de portugalidade e forte nacionalismo.

Já Ramalho Ortigão, Filho de Almeida, José de Figueiredo, Antero de Figueiredo, e esse inolvidável Amigo, Manuel Monteiro, todos esses gentis espíritos exaltaram a nossa terra, à maneira elegante como o fez o colaborador da Revista bracarense, superiormente dirigida pelo Dr. Sérgio da Silva Pinto.

Tal é porque me não canso de repetir quanto amor devem pôr os governantes de Guimarães na defesa e conservação de tudo quanto ainda nos traz à lembrança a fisionomia do burgo medieval. A fixação de uma zona classificada de interesse histórico, foi medida superiormente tomada, e que deve merecer o nosso aplauso.

Está dito e redito, que os turistas de mérito intelectual, distinguem e escolhem para as suas viagens, para os seus jornadeios, aquelas terras portuguesas que lhes oferecem algo de arcaico nos seus aspectos arqueológicos, arquitectónicos, pitorescos, artísticos, talhados a compasso, de linhas uniformes — iguais em toda a parte.

Aguardo, pois, com ansiedade, ver a reintegração histórica da Praça Maior, trabalho este que trará consigo o restauro da igreja de Santa Maria de Guimarães — duas grandes obras as quais não faltam elementos auxiliares para uma reparação consciente das feridas que a ignorância dos homens praticou, nos séculos XV e XVIII, com desdouro para a terra vimaranesa.

A. L. DE CARVALHO.

POMARES

II — TÉCNICA CULTURAL

Escolhidas as espécies e formas culturais a utilizar na constituição do pomar, vários problemas de ordem técnica surgirão.

Primeiro, o estabelecimento do pomar, o seu traçado, os compassos a usar e a preparação do terreno.

O traçado do pomar será aquele que mais se coadune com a natureza do local, principalmente com

as condições topográficas (terreno plano ou encosta, e, neste caso, com o declive e a exposição).

Os compassos estarão de acordo com o porte das plantas e a fertilidade do solo, os quais poderão variar tanto, que nenhum número poderá ser citado.

Quanto à preparação do terreno, muito conviria que se fizesse uma surriba a um metro de fundo.

Na maioria dos casos, apenas se mobiliza o solo com a abertura da cova onde há-de ficar a fruteira, convindo então que aquela tenha as dimensões de 1x1x1 m., de modo a mobilizar um cubo de terra considerável, para facilitar a penetração das raízes das plantas, e abertas com grande antecedência, para permitir a meteorização da terra.

A plantação é operação simples, descrita em qualquer livro de especialidade.

Depois da árvore plantada, muitos cuidados haverá a dispensar-lhe, para que nos delicie durante muito tempo com os seus maravilhosos frutos.

Desses cuidados, a poda talvez seja o primeiro pela sua importância, por controlar a bem dizer toda a biologia da árvore. Será ela principalmente que nos permitirá tirar o maior rendimento económico da árvore, interferindo ao mesmo tempo na longevidade desta e no seu equilíbrio vegetativo. Mas se da poda podemos tirar o máximo partido durante toda a vida da fruteira, desde a juventude, com um papel de formação do esqueleto (poda de formação), passando pela máxima produtividade, equilibrando-a (poda de frutificação), até à decrepitude, vindo trazer novas forças a um organismo cansado (poda de rejuvenescimento), é indispensável possuir os conhecimentos necessários para isso.

Se o podador consciente, que saiba ver no estado vegetativo da árvore os seus problemas, as suas necessidades, as suas carências (e tudo isso elas nos indicam claramente) é o seu melhor auxiliar, um mau podador é o seu pior inimigo.

C. T. Podar, não é cortar ao acaso.

GAZETILHA

A Primavera

A todos os Homens que não alimentam ódios nem egoísmos e ambíções e sentem no coração o Ideal de Paz, Fraternidade e Justiça.

*Vai surgir dentro de pouco
A quadra primaveril
Que nos traz um céu de anil
É a graça da Natureza.
O encanto das madrugada
Esp'ranças e aleluias
Nova fé em novos dias
— Sortilégios de Beleza.*

*Tudo revive e desperta
Como dum sono profundo
Em que se encontrasse o mundo
Perdido dos seus amores.
Os campos serão lavrados
E na terra tão florida
Haverá uma outra vida
Na sinfonia das cores...*

*Haverá epitalâmios
Arroios a murmurar
Desejos que hão-de empolgar
Moças castas, elegantes.
Toucas lindas do arvoredo
Que se ergue em campos e montes
— E as canções tristes das fontes
Serão suspiros distantes...*

*Primavera que eu saúdo
Faço votos por que seja
O que a minh'alma deseja
— A Mensageira do Amor.
Homens de boa-vontade
Comunguem no arrebol
No brilho intenso do sol
Toda a graça do Senhor!...*



Antigos Oficiais e Soldados do Regimento de Infantaria 20 junto do Monumento de D. Afonso Henriques (Ver notícia na 5.ª página)

PROBLEMAS SOCIAIS

Pelo P. Manuel Matos.

CARTA ABERTA...

Ex.º Senhor:

Com imenso pesar para mim, desde a primeira hora, verifiquei que V. Ex.º ou não quis compreender-me ou compreendeu demais.

Viu nos meus artigos, de início, uma «afirmação», ultimamente, uma «insinuação» ofensiva da honra e da honestidade patronal, implicitamente rejeitando... a simples possibilidade da existência dum patrão menos caridoso, menos humano para os seus operários.

E badalou insistentemente naquela frase: «na opinião do Senhor...», todos os padrões são desonestos».

Chamado à realidade e à verdade pela Redacção, ainda tergiversou na interpretação a dar às minhas palavras.

Ora, Ex.º Senhor: Com o meu primeiro artigo simplesmente levantei um problema — o despedimento do Bezerra por causa das máquinas moderníssimas que o patrão adquiriu.

(Repare-se, desde já, que na opinião de V. Ex.º... ele tem de pertencer à classe privilegiada... à ténit).

No segundo artigo apresentei o referido operário à esquerda da rua, carpindo o seu naufrágio, mendigando uma esmola, pois a isso se viu obrigado...

O terceiro seria «A máquina — seu bem — seu mal» — sobre o qual V. Ex.º diz que «sem ferir ninguém, tratava o assunto convenientemente».

Porque não saiu a público este 3.º artigo, logo após os dois primeiros?

Unicamente, porque V. Ex.º me forçou a versar outros assuntos, como sejam «o facies moral do patrão», «a burrinha do Abade» e finalmente «Prosseguindo...» em resposta àquilo por que vinha instando.

A ceulema suscitada por estes três artigos evitar-se-ia e eu nunca sairia da linha que tracei, se V. Ex.º não viesse, tão apressadamente, intervir num assunto que apenas lhe poderia interessar como pensador e sobre o qual eu não queria polémica, menos por receio, do que por inconveniência.

A sua imprevisível intervenção obrigou-me a intercalar os referidos artigos — escritos adrede — visto que insistia por uma resposta, em claro intuito polémico, que eu tanto desejava evitar.

Cheguei a convencer-me de que, com a minha resposta, terminaria a sua intervenção, mas tal não aconteceu. E voltou à lica. Bem contra minha vontade, tenho de responder, porque, se do seu lado se teriam armas pela honra dum convento... do meu lado, trata-se de uma defesa pessoal em que brio e honra não podem cair por terra sem luta.

O meu conceito de «patrão» vai radicar-se na palavra latina «pater», que quer dizer «Pai» e é assim que o conceito dentro da ordem natural, divinamente estabelecida. Sobre o seu papel importantíssimo na Sociedade Humana, largamente dissertaram, com fulgor e autoridade inexcelsíveis — Leão XIII, na Encíclica Rerum Novarum, Pio XI, na Enc. Quadragesimo Anno e Pio XII, em variadíssimas alocuções.

Tal conceito está exuberantemente definido nos documentos pontifícios e Llovera, no seu compêndio de Sociologia Cristiana, esplanava-o com mestria.

Não vou agora transcrever o que o autor diz, mas afirmo-lhe que o conceito que formulei, do patrão, se espraia nos dizeres do eminente sociólogo espanhol, citado.

Em concreto, dir-lhe-ei que conheço muitos padrões que são amigos dos seus operários, compreensivos das suas necessidades, e até seus conselheiros dedicados!

E se a sua modéstia não sair ferida — cito-lhe, sem menosprezo

Cada corte tem a sua razão de ser, e todo aquele que a desconhecer, melhor será não podar, para não agravar um mal, ou vir trazê-lo onde havia equilíbrio.

Não esquecer igualmente que a poda não é panaceia para todos os males. Como diz Vieira Natividade, «a par da intervenção cirúrgica temos de predicar, de harmonia com a compleição e os males que afligem o paciente». E, para isso, o nosso formulário «limita-se afinal à prática das virtudes cristãs de tratar os doentes, dar de comer a quem tem fome, e, se possível, de beber a quem tem sede».

Dar de comer a quem tem fome, pelas esturmasções, adubações, culturas intercalares que enriqueçam o solo (sachadas exigindo boa fertilização ou leguminosas para enterrar em verde), etc. Matar a sede, com regas sempre que necessário, e com as mobilizações superficiais indispensáveis para eliminar os comensais indesejáveis e reduzir as perdas de água por evaporação.

O tratamento dos doentes, ficará para o próximo artigo.

para ninguém — cito-lhe um José Torcato Ribeiro Júnior, à volta do qual os seus operários, no dia 18 de Setembro de cada ano, se reúnem, festejando como «família» o aniversário do seu patrão.

Este carinho da «família operária» justifica a referência.

Eu nutro verdadeiro culto pelo patrão que sabe compreender o esforço do seu operário e o exemplo que frizo, satisfaz plenamente ao conceito que formulei.

Mas aqui há um segredo e é que, na genese daquele patrão, há um sulco de trabalho, de esforço, de suores e cansaças... cuja lembrança, sempre viva, o aproxima «paternalmente» dos seus operários.

Repudio aquela frase que diz que eu desejava ver todos os padrões pobres.

Aceito, porém, sem reservas, aquelas palavras pontifícias: «É necessário que haja menos ricos, para haver menos pobres».

Esta palavra «menos» não se refere ao número de ricos mas à quantidade de riqueza. Querem dizer: «Menos riqueza na mão de alguns, para haver mais riqueza nas mãos de muitos», isto é, riqueza distribuída.

Ora, normalmente, ela distribui-se por meio do trabalho e daí o «slogan»: «Trabalho para todos, porque só assim a todos ela chegará, transformada em pão, em conforto, em alegria de viver».

Quando ao desemprego, creio não poder haver duas opiniões.

Referindo-me mais de perto às suas «palavras para terminar», as respostas dadas às três perguntas que formulei, não me satisfazem totalmente. Não as vou apreciar porque iria longe.

Os seus dois protestos são descabidos — o primeiro porque eu nunca afirmei que «os padrões são os culpados das montagens das máquinas modernas».

Se quer atingir alguém, descubra o alvo.

O segundo é uma repetição daquilo que mereceu a nota da Redacção do Jornal.

Para terminar: Meu pai foi um patrão pobre... cuja dureza da vida vivi e senti. Herdeira é a pobreza. Eu mesmo sou pobre. Já tive burrinha que me transportava — ambos conformados na sorte — pelas geladas e íngremes serras do Marão e da Cabreira.

E se o passalzinho de Gonça sustentasse a alimária, preferi-la-ia ao automóvel, que não tenho, pois quanto a este tenho muitas reservas a opôr. Quanto à classe privilegiada — a qual o Bezerra nunca pertenceu — direi tão só que muitos dos seus privilégios são... lindos... lindos...

Em certas fábricas, às mulheres casadas preferem assolteiras. Noutras, aos homens preferem as mulheres... Aos casados os que não são... Aos adultos, os menores. O abono de família é regateado. Subsídios de invalidez — muito discutíveis... De casamento... de parto... nem é bom falar nisso. Etc., etc., etc...

O resto das suas palavras também merece uma respostazinha benévola.

Quem me «serve» em Gonça tem todos os privilégios e mais dois: é meu sobrinho e afilhado. Conta 16 anos. Racha lenha e tange o sino para a missa, à qual ajuda com relativa perfeição. Colabora nas duas dúzias de baptizados, dobra a finados e segura a caldeira nos casamentos — isto, umas seis ou sete vezes no ano.

Quanto a melhorar de freguesia... não me é lícito ter desejos... embora lamente que a exiguidade de recursos force minhas irmãs a servir. Uma delas está de criada na cidade do Porio. Não é deshonra nem crime...

Apesar de tudo isto, conformo-me e farei por não pensar em passar de padre a «patrão» nem mesmo industrial, «porque não pode ser quem quer», e espero, com a ajuda de Deus e do juízo, nunca trair o ósculo do sacerdotio recebido no dia da minha ordenação.

Para acabar, pedia-lhe que não faça propaganda do meu nome. Discuta as ideias, se lhe apraz. O nome... não deve interessar.

Sem mais, de V. Ex.º, com todo o respeito

P.º Manuel de Matos.

Pároco de Gonça.

P. S. — Esquecia-me de dar a resposta à pergunta que de início formulei e que é concebida nestes termos:

«Devo substituir as máquinas da minha fábrica por outras modernas, embora sacrificando alguns operários...»

Respondendo: Não!

«Ou devo conservar as máquinas que tenho, com o risco de ter de fechar a fábrica e despedir todo o pessoal?»

Respondendo: Sim!

Justifico a resposta:

Não, porque é inútil um aumento de produção com um correlativo desemprego.

J. C.

IMPORTANTE MELHORAMENTO

em S. Salvador de Briteiros

Com muita solenidade efectuou-se no domingo, às 18 horas, na freguesia de S. Salvador de Briteiros, deste concelho, a inauguração da iluminação pública, melhoramento para que muito concorreram o proprietário sr. José Martins Barbot e a Câmara Municipal de Guimarães, tendo a população da freguesia manifestado o seu regozijo por tão alto benefício.

O sr. Presidente da Câmara, dr. José Maria Pereira de Castro Ferreira, que ali chegou às 18 horas, acompanhado pelos Vereadores srs. dr. Júlio Soares Leite e José Maria Pinto de Almeida, foi recebido festivamente pelas autoridades e pelo povo da freguesia, ouvindo-se vivas e palmas, girândolas de foguetes e acordes musicais de uma filarmónica.

Também ali se encontravam o presidente da Junta sr. prof. Félix Fernandes Marques; o pároco da freguesia, Rev. Abílio Fernandes Novais; os srs. Fernando Lage Jordão, sócio da firma concessionária da distribuição de energia; dr. Gonçalo Sampaio Bourbon (Lindoso), Eng.º António Rodrigo Pinheiro, Vice-Presidente da Câmara; etc., etc.

Após a ligação, que foi feita na cabine pelo sr. Presidente da Câmara, efectuou-se, na Casa do Povo, uma sessão solene a que presidiu o mesmo senhor rodeado pelos Vereadores e outras individualidades.

Falaram o sr. Félix Fernandes Marques, que se referiu àquele importante melhoramento e elogiou o sr. José Martins Barbot, grande benemérito da freguesia, saudando o sr. Presidente da Câmara e agradecendo a valiosa contribuição do Município para que aquele melhoramento se pudesse efectivar. A propósito o orador prestou homenagem ao saudoso filho daquelas Terras de Briteiros, o sr. dr. João Antunes Guimarães.

Falou depois o sr. Presidente da Câmara que agradeceu aquela manifestação e fez breves considerações à volta da obra de electrificação do concelho a que se dedicou a Câmara da sua Presidência, em prol do bem estar e da felicidade do povo. Fez ainda referências, aliás merecidas, à firma concessionária e ao benemérito sr. Martins Barbot e terminou felicitando o povo de S. Salvador de Briteiros.

Seguidamente e na fidalga Casa da Quinta do Paço, propriedade do sr. Martins Barbot, foi servido a todos os convidados um delicado Porto d'Honra, que deu motivo a vários brindes.

Amanhã realiza-se também em S. Paio de Vizela, a inauguração de dois grandes melhoramentos, ou sejam, um fontanário público e a luz eléctrica, prometendo o acto revestir muita solenidade.

— Amanhã realiza-se também em S. Paio de Vizela, a inauguração de dois grandes melhoramentos, ou sejam, um fontanário público e a luz eléctrica, prometendo o acto revestir muita solenidade.

— Amanhã realiza-se também em S. Paio de Vizela, a inauguração de dois grandes melhoramentos, ou sejam, um fontanário público e a luz eléctrica, prometendo o acto revestir muita solenidade.

— Amanhã realiza-se também em S. Paio de Vizela, a inauguração de dois grandes melhoramentos, ou sejam, um fontanário público e a luz eléctrica, prometendo o acto revestir muita solenidade.

Oficinas de S. José

A Festa Anual das nossas queridas Oficinas de S. José, que não pode este ano realizar-se no dia consagrado ao Glorioso Patrono daquela Instituição de Assistência, ficou transferida para o dia 15 de Abril e não, como se noticiou no nosso último número, para o dia 8. Assim, naquele referido dia, efectuar-se-á a tradicional visita às Oficinas, com o sorteio de valiosas prendas em favor de tão simpática Obra de Protecção aos rapazes pobres.

Este — próxima ou remotamente, directa ou indirectamente — afecta sempre o consumo e consequentemente a produção. Ainda mesmo que daí resulte uma baixa sensível de preço na mercadoria... porque, já dizia um meu velho amigo: «Quando negociava em carapuças, nasciam rapazes sem cabeça».

Sim — porque o risco é mais remoto que próximo e o desemprego menos imediato. Ainda mesmo que se tratasse dum caso isolado, isto é, da sua fábrica e só quanto a alguns dos seus operários — não é de aconselhar.

Tal coisa viria despertar a inveja... estimular a cobiça... e ao cabo, não passava duma ganância...

Na base cristã — ou antes — no conceito cristão das relações do capital com o trabalho — a conciliação do justo devido a ambas as partes — é o segredo da sua tranquilidade e da sua paz.

O capitalista olha para a máquina como úbere fonte de riqueza e o operário como natural fonte de vida. A máquina é o centro à volta do qual gravitam interesses que jámais devem ser antagónicos.

Por sobre a máquina — patrão e operário devem apertar-se as mãos.

Ela os une. Que ela os não separe. Ela os aproximou... Que a ambos dê aquilo que desejam — riqueza a um e pão a outro.

E assim Deus a abençoará, dando despacho à oração do pobre:

«Pai nosso que estais nos céus... O pão nosso de cada dia nos dai hoje...»

Como é perfumado o pão da casa do pobre... Dádiva divina!

Quem ousará arrebatá-lo das mãos calejadas?... P. M.

Carta a uma Senhora

Minha Senhora:

Não me enganei quando lhe disse, na minha última carta, que o mês de Março não se manteria agachado debaixo do zero do termómetro, como, em circunstâncias de que não há memória, o fez o seu antecessor, portador de temperaturas que chegaram a provocar feitos de verdadeira desolação.

Porém, o Março surgiu fagueiro e radioso, porque a temperatura deixou de ser congelada, os raios do sol principiaram a rasgar as cortinas da nebulosidade, os passarinhos retomaram a sua vida alegre e movimentada e até as pomboinhas, com excepção das que se encontravam no choco, deixaram os seus pombais para regressarem à sua vida habitual do ar livre, esvoaçando por aqui e por ali à busca do prazer da liberdade, daquela liberdade que só elas sabem compreender e apreciar.

Enfim, o mês de Março, que por vezes também gosta de pregar a sua partidinha traiçoeira, principiou bem a sua aparição no calendário atmosférico do ano, embora, por outro lado, não tenha desanuviado o ambiente internacional, que continua frio, pestuoso e rodeado de densa neblina!

Mas, minha Senhora, só agora me apercebo de que me estou a afastar, por completo, da intenção desta carta, isto é, como tenho sido bastante maçador, era meu propósito escrever-lhe uma carta onde apenas lhe manifestasse a minha satisfação pelas declarações que o Sr. Presidente da Câmara fez à Imprensa, no seu regresso de Lisboa, aonde fora tratar de vários assuntos relacionados com o progresso de Guimarães.

Desejava, minha Senhora, falar-lhe sómente deste facto para lhe dar o relevo que o mesmo merece, por quanto considero-o como um prenúncio de boa política administrativa, visto que esta deve estar em contacto com a Imprensa, a qual, por sua vez, como acaba de suceder, elucidará os municípios das actividades mais importantes da Administração Municipal, quer tratando-se de simples deliberações tomadas nas respectivas sessões, quer, como no caso presente, tratando-se da actividade do seu ilustre Presidente junto de alguns Departamentos do Estado.

Isso do Presidente de um Município anunciar a sua ida à capital para tratar de assuntos de interesse para o concelho e de no seu regresso se fechar na arca dos segredos dos Deuses já deve ter passado de moda em todas as terras onde houver a verdadeira consideração pelas justas aspirações dos municípios e essa consideração só lhes poderá ser manifestada, dentro do possível, pelo processo de que se utilizou o sr. dr. José Maria Pereira de Castro Ferreira, convocando os representantes da Imprensa para lhes transmitir os resultados das suas diligências, em Lisboa, em prol do engrandecimento desta terra.

Bem haja Sua Ex.ª por mais essa revelação da sua ponderada, leal e franca orientação e oxalá que os seus esforços, os seus desejos e as suas esperanças se convertam em alegres realidades, não obstante a caminhada ser longa e conter muitos espinhos. No entanto, longo e espinhoso foi o caminho do Calvário e houve quem venesse a jornada!

Por isso, Sr. Presidente, repito: Bem haja em colocar a razão acima de tudo, tanto mais que, no dizer de Camilo C. Branco, é ela quem cala as nossas sensações e quem nos guia ao ponto que mais seguro se oferece à débil inteligência do homem. No caso em questão, a razão consiste em manter permanente e elucidativo contacto com a Imprensa, a fim de que esta possa cumprir, como é também seu dever, o papel da sua delicada e benéfica missão perante a projecção de complexos problemas nacionais.

A Imprensa, mesmo com alguns travões, será sempre, em qualquer parte, a voz corrente da opinião pública. De resto, minha Senhora, lá diz o ditado:

«Quem bem fizer a cama nela se deitará» e quanto a travões até o coração e a própria alma são vítimas deles!

E com isto, assim travo esta matutina conversa com V. Ex.ª, desejando-lhe um dia bem passado no ambiente familiar.

Março de 1966. De V. Ex.ª cd.º ven.º e obg.º

X.

Páscoa... 1956

Não se esqueça que agora na quadra festiva da Páscoa e todo o ano, o Pão de Ló de Margaride, de Leonor Rosa da Silva, Sucr. — FELGUEIRAS — é vendido no seu maior Depositário em Guimarães, BRAGA & CARVALHO, SUCR., com Mercaria e Confeitaria (anexa ao Café Milenário), ao Largo do Tournal, Telefone, 4126. TODOS OS DIAS FRESCO.

ENVIA-SE PARA TODA A PARTE EM EMBALAGENS ESPECIAIS

AMÊNDOAS NACIONAIS E ESTRANGEIRAS, CAIXAS DE FANTASIA, DROPS, BOMBONS, VINHOS DO PORTO, ESPUMANTES NATURAIS DA RAPOSEIRA E ASSIS BRASIL, DA REAL COMPANHIA VINÍCOLA, AOS MELHORES PREÇOS, A VENDA NESTA CASA.

193

Notícias de Guimarães n.º 1263 - 18-3-1956

Orfeão e Tuna de Compostela

COMARCA DE GUIMARAES
Secretaria Judicial

ANÚNCIO
1.ª publicação

No dia 7 do próximo mês de Abril, pelas 11 horas, no Tribunal Judicial desta comarca e nos autos de Acção Sumaríssima em Execução de sentença que Fernando Machado Sampedro, casado, proprietário, da freguesia de Lordelo, move contra Manuel Pereira, viúvo, proprietário, da freguesia de Guardizela, ambas desta comarca, que corre pela segunda secção deste segundo Juízo, serão postos em praça, pela primeira vez, para serem arrematados ao maior lance oferecido acima do valor adiante indicado, os seguintes prédios apreendidos àquele executado:

1.º

Uma morada de casas de dois andares, situada no lugar do Monte de Cima, freguesia de Guardizela, desta comarca, inscrita na matriz sob o art. 228 e descrita na Conservatória no livro B-120 a fls. 23 v. sob o n.º 43323; e

2.º

Uma morada de casas de cave e rés-do-chão, sita no lugar do Monte, freguesia de Guardizela, referida, que foi construída na Sorte de Mato do Monte de Santa Luzia, denominada do Muco, inscrita na matriz urbana sob o art. 263. E a 21.ª gleba do prédio descrito na Conservatória no Livro B-24, a fls. 93, sob

o n.º 7043. Vão à praça, respectivamente pelos valores de cinquenta mil escudos e vinte e cinco mil escudos.

Guimarães, 14 de Março de 1956.

O Juiz de Direito,
Valdemiro Ferreira Lopes.
Pelo Chefe da Secção 188

Aristides Ferreira Monteiro.

Mário de Sousa Meneses.

Guimar, L.ª - Construções

o n.º 7043. Vão à praça, respectivamente pelos valores de cinquenta mil escudos e vinte e cinco mil escudos.

Guimarães, 14 de Março de 1956.

O Juiz de Direito,
Valdemiro Ferreira Lopes.
Pelo Chefe da Secção 188

Aristides Ferreira Monteiro.

Mário de Sousa Meneses.

Guimar, L.ª - Construções

o n.º 7043. Vão à praça, respectivamente pelos valores de cinquenta mil escudos e vinte e cinco mil escudos.

Guimarães, 14 de Março de 1956.

O Juiz de Direito,
Valdemiro Ferreira Lopes.
Pelo Chefe da Secção 188

Aristides Ferreira Monteiro.

Mário de Sousa Meneses.

Guimar, L.ª - Construções

o n.º 7043. Vão à praça, respectivamente pelos valores de cinquenta mil escudos e vinte e cinco mil escudos.

Guimarães, 14 de Março de 1956.

O Juiz de Direito,
Valdemiro Ferreira Lopes.
Pelo Chefe da Secção 188

Aristides Ferreira Monteiro.

Mário de Sousa Meneses.

Guimar, L.ª - Construções

o n.º 7043. Vão à praça, respectivamente pelos valores de cinquenta mil escudos e vinte e cinco mil escudos.

Guimarães, 14 de Março de 1956.

O Juiz de Direito,
Valdemiro Ferreira Lopes.
Pelo Chefe da Secção 188

Aristides Ferreira Monteiro.

Mário de Sousa Meneses.

Guimar, L.ª - Construções

o n.º 7043. Vão à praça, respectivamente pelos valores de cinquenta mil escudos e vinte e cinco mil escudos.

Guimarães, 14 de Março de 1956.

O Juiz de Direito,
Valdemiro Ferreira Lopes.
Pelo Chefe da Secção 188

Aristides Ferreira Monteiro.

Mário de Sousa Meneses.

Guimar, L.ª - Construções

o n.º 7043. Vão à praça, respectivamente pelos valores de cinquenta mil escudos e vinte e cinco mil escudos.

Guimarães, 14 de Março de 1956.

O Juiz de Direito,
Valdemiro Ferreira Lopes.
Pelo Chefe da Secção 188

Aristides Ferreira Monteiro.

Mário de Sousa Meneses.

Guimar, L.ª - Construções

o n.º 7043. Vão à praça, respectivamente pelos valores de cinquenta mil escudos e vinte e cinco mil escudos.

Guimarães, 14 de Março de 1956.

O Juiz de Direito,
Valdemiro Ferreira Lopes.
Pelo Chefe da Secção 188

Aristides Ferreira Monteiro.

Mário de Sousa Meneses.

Guimar, L.ª - Construções

o n.º 7043. Vão à praça, respectivamente pelos valores de cinquenta mil escudos e vinte e cinco mil escudos.

Antigos oficiais e soldados do glorioso Regimento de Infantaria 20 confraternizaram no domingo nesta cidade

Com entusiásticos aplausos foi novamente ventilada a ideia de se levantar nesta cidade o Monumento aos Mortos da Grande Guerra

A reunião dos antigos oficiais e militares do Regimento de Infantaria 20, realizada no dia 11, por sugestão do Sr. Coronel A. de Quadros Flores, atingiu, como prevíamos, aspectos de verdadeira consagração. Não apenas a consagração das amizades sólidas que resistem ao decorrer dos anos sucessivos e às distâncias, como, de igual maneira, da camaradagem que durante muito tempo ligou, no respeito das posições hierárquicas de cada um e no sentimento das suas responsabilidades cívicas, os homens que no «20» cumpriram um dever e serviram a Pátria.

Foi-nos grato verificar que os oficiais e militares que, em elevado número, responderam à chamada, espontaneamente deram um magnífico exemplo de solidariedade com a sua presença numa festa a que a própria cidade se não tornou alheia na sua simpatia envolvente. E que a evocação do Regimento que se bateu em França e em África acorda lembranças de verdadeira epopeia e desperta a saudade do passado — ou não houvesse sido o «20» parte integrante da própria vida da cidade!

Hoje tudo se confunde e perde no labirinto das reminiscências e na vertigem da época. Tudo se olvida no choque das ideias e no desencontro das opiniões, como se o homem tivesse perdido o equilíbrio mental, incapaz de manter no espírito as imagens que representam a grandeza múltipla da vida.

A festa dos oficiais e militares do R. I. 20 foi simples. Mas nessa simplicidade se colheram exemplos grandes, lições magníficas de compreensão. Durante a reunião verificou-se que no coração humano nada se perde quando a amizade é sólida e a dignidade íntegra e que a própria camaradagem, no que esta palavra pode representar de lealdade a laços criados e a deveres recíprocos, se mantém inalterável e resistente aos anos e aos acontecimentos, sejam eles quais forem.

Foi, pois, numa atmosfera de encanto e de franca cordialidade e alegria pelas recordações do passado e na vivência, embora fugaz, dos episódios mais gratos da vida de armas, que decorreu a festa dos oficiais e militares do «20», onde pairou, ainda, como um aceno da juventude distante e épica, a emoção dos grandes e inesquecíveis momentos, com o vibrante toque de clarim...

Recordando os Mortos

Conforme o programa estabelecido desde início, a reunião dos antigos militares de Infantaria 20 começou por uma missa celebrada na histórica igreja de S. Miguel do Castelo, por alma de todos os que já não fazem parte do número dos vivos mas pertenceram às fileiras do glorioso regimento.

Depressa se encheu o pequeno templo, logo após o toque de clarim que soou, ainda não tinham batido as 11 horas, à porta da igreja.

Na altura da elevação, voltou a ouvir-se, em impressionante marcha de continência que fez com que a emoção se notasse nos olhos de muitos dos presentes, o clarim do regimento. E o serviço religioso, a que todos assistiram em respeitosa silêncio, terminou pouco depois.

Então os presentes que eram em número bastante superior a uma centena, muitos deles — aqueles que há muito já se não viam — se abraçavam e conversavam recordando tempos distantes, foram-se dirigindo para o antigo Quartel do Regimento — o famoso Paço dos Duques de Bragança.

A visita ao Paço

Junto da antiga porta de armas, surgiu o toque de reunir, após o que todos foram entrando no velho monumento em restauro e cujas obras vão, agora, em ritmo acelerado, como tivemos ocasião de apreciar, a caminho de conclusão.

Fez-se uma paragem na antiga «parada», após o que antigos oficiais e praças se foram distribuindo, em grupos, percorrendo as várias dependências do edifício, recordando horas ali passadas e apreciando a grande transformação porque o mesmo está passando.

Demorou uma longa hora a visita que a todos deve ter deixado a mais agradável impressão e serviu para «matar» saudades de um passado que não volta.

Almoço de confraternização

Pelas 13 horas realizou-se no Restaurante Jordão o almoço de confraternização dos

oficiais e militares, que decorreu com expressivas demonstrações de franca camaradagem e amizade.

Presidiu o Presidente da Câmara Municipal Sr. Dr. José Maria de Castro Ferreira, que tinha à direita os Srs. Major Manuel de Almeida, Major António J. T. Miranda e Pa-



Durante a visita ao Paço dos Duques de Bragança

dre João Lindoso e, à esquerda, os Srs. Tenente-Coronel Francisco Martins Ferreira, Major Miguel Ferreira e Coronel António de Quadros Flores.

Na altura devida, falou em primeiro lugar o Sr. Coronel de Quadros Flores, que pediu alguns momentos de concentração espiritual como homenagem à memória da esposa do Sr. Coronel Duarte do Amaral, há pouco falecida, lendo alguns telegramas e cartas de oficiais que não puderam comparecer à festa.

«Na comunidade militar se cria uma alma tão elevada que se sobrepõe ao tempo e às condições sociais», afirmou o Sr. Coronel A. de Quadros Flores.

Depois de saudar o Sr. Presidente da Câmara e os velhos camaradas — soldados, cabos, sargentos e oficiais do velho

«20», o orador pronunciou o seguinte discurso:

«Julgo de meu dever explicar em duas palavras as razões e finalidade desta reunião.

Mas em antes há que agradecer a honra de estar entre nós, como representante de Guimarães, o Excelentíssimo Presidente da Câmara

Efectivamente, não se podia conceber o velho Regimento de Infantaria 20 sem que a ele estivesse associada a velha Cidade de Guimarães, e tão estreitamente ligados que a cidade parece amputada de um membro essencial desde que de junto do seu Castelo desapareceu essa antiga unidade, e, assim, resolveu a Comissão que a Cidade estivesse representada pelo seu mais alto magistrado nesta reunião de velhos camaradas.

E, sem desprimor para os que o antecederam, ninguém melhor do que o actual Presidente a deve representar, não só por ser filho de um antigo oficial, aqui presente, e sempre pertencente ao velho 20, como também por ser um desembarçado, empreendedor e activo administrador.

Desejamos manifestar o quanto apreciamos o acto de justiça ultimamente decidido de mandar erigir uma Memória, em forma de Cruzeiro, lá no Sul de Angola aos esquecidos soldados do 20.

E tudo isto concorre para agradecermos a Sua Excelência a honra que nos deu de comparecer, além dos esforços que fez e da ajuda que concedeu aos trabalhos preliminares desta festa.

Não devemos esquecer a Imprensa que amavelmente difundiu a notícia, destacando o Ex.º Director do Notícias de Guimarães que, nas colunas do seu jornal, permitiu que se fizesse a devida propaganda, além de outros trabalhos que teve.

Aqui estamos estes dos que puderam comparecer, e outros há que para este almoço não dispõem de meios, quer dizer, em linguagem de tropa «não estão abonados de rancho e pré», e é pena que tal suceda... porém procurar-se-á remediar esse inconveniente na próxima reunião, e nem tantos serão, infelizmente, os que restam.

Daqui saudamos os que não puderam aparecer, por achaques da idade, doença, ou por outros moti-

cações a amanuenses (que podem ser os da Liga) e outras despesas.

As razões desta festa foram os desejos expressos por muitos antigos combatentes, quer de África, quer de França e de tantos que passaram alguns anos da sua juventude no Quartel do 20, de que se comemore o feito do Batalhão do 20, que daqui partiu comandado pelo Major António de Araújo Júnior, e se cobriu de glória no dia 12 de Março de 1918, em terras de França.

Essa data era celebrada anualmente no velho Regimento, e ainda me recordo de o ter sido na ocasião em que os recrutas do 20 estavam concentrados em Braga, em 1926, e foi esta a última vez, há trinta anos.

A ideia da reunião, repito, não foi de minha iniciativa, mas de alguns, dos quais cito o Coronel Sousa Guerra, Tenentes Bernardo e Campos de Carvalho, e foi-me transmitida já há dois anos.

Esperava que se fossem juntado e adquirisse consistência e alguém mais tomasse a direcção, faltando apenas propagar e difundir a vontade de tantos e, pelo que se verifica, de todos.

O que é mais curioso é o entusiasmo daqueles que pelo 20 passaram nos postos menos graduados, e por lá andaram no Quartel, nos plantões, sentinelas, ordenanças, cabos de dia, fuchinas, guardas ao Paio!, nas grandes formaturas, no render da parada com a música a tocar, nos exercícios e Escolas de Repetição, nas marchas para a Carreira de Tiro, e, sobretudo, no tremendo apetite com que todos, desde o mais graduado oficial, até ao mais moderno soldado apreciavam o rancho.

O rancho, a «latosa», que era o único fim com que as «praças velhas» e os recrutados justificavam o alistamento dos voluntários — os lateiros — como valeria mais, incomparavelmente mais, do que este almooço do Jordão com *hors-d'œuvre* e outros acepipes, que, já de si, consistia no mais apurado acepipe!

A batata, o largo macarrão, chouriço, o grão e a «torra», com uns pözinhos de colorau, quem nos dera a idade e o apetite e tê-lo aqui, no tabuleiro, à espera da chamada do «nosso sargento de dia» para o levantar.

Esta passagem da vida regimental, em que a disciplina, sem deixar de ser firme, se baseava na camaradagem, e outras aspectos da convivência militar, especialmente entre aqueles que se encontraram em operações de guerra, lado a lado, sujeitos aos mesmos perigos, oficiais e praças, prontas sempre, quer a conjugar os seus esforços no combate, quer a socorrer o seu companheiro de qualquer posto, ferido ou em transe perigoso, criaram laços tão sólidos e afectuosos que sempre, e em qualquer circunstância, se lembram alegremente trabalhos, agruras, tristezas e também alegrias.

E, nem por terem ascendido a situações elevadas e destacadas, na sociedade e nas finanças, perderam esse elo que os uniu, antes o apertam comovidamente nesta ocasião em que se recordam esses ditos tempos.

E que na comunidade militar se cria uma alma tão elevada que se sobrepõe ao tempo e às condições sociais, para sermos os defensores da Pátria, que com o nosso esforço contribuímos para a sua Independência e Progresso.

Este nobre papel perdura pela vida fora, mesmo depois de, como nós, só podermos fazer votos sinceros por que o Exército, a que pertencemos no activo, continue as glórias dos seus antepassados.

Comove esta dedicação pelo velho Regimento, e todos os que puderam acorreram à chamada — ao toque de unir — tão pressurosos como apaixonadamente entusiasmados a representarem a velha Guimarães — a desolada vivida do velho 20 — que tantos anos viveram de afeição, ternura e dedicação.

Como irmãos de armas que servimos a Pátria no Exército e Guimarães do R. I. 20, nesta ocasião em que cada peito de vimaranense, e na memória da sua juventude, creio que não há ninguém que não siga com carinho, ternura e comoção esta festa, alguns até lastimem não terem pertencido ao «velho 20», saído a minha Terra, esta Guimarães, na pessoa do seu Presidente da Câmara, e os meus camaradas que aqui representam o «velho R. I. 20» cuja lembrança hoje comemoramos.

O discurso do Sr. Coronel A. de Quadros Flores causou viva emoção e foi muito aplaudido.

«Conjio em que seja Vossa Ex.ª o Homem a quem se venha a dever a erecção do Monumento aos Mortos da G.ª Guerra», disse o Sr. Padre João Lindoso, dirigindo-se ao Sr. Presidente da Câmara, no discurso que pronunciou.

Em seguida usou da palavra o Sr. Padre João Lindoso, velho combatente e capelão do R. I. 20, que afirmou:

«Como é doce lembrar outros tempos, os tempos que passaram e que não se apagam da nossa memória!

Guimarães enche-nos o coração, esta terra cheia de vida e história, de onde partiu o grito da independência nacional.

Esta terra orgulha-se da sua história e patenteia-nos diversos e valiosos monumentos. Mas é triste confessar que ainda aqui falta o monumento aos Mortos da Grande Guerra.

A artilharia destrói e a infantaria ocupa. Nada destruímos: ocupamos e servimos um Ideal.

O Sr. Coronel Sousa Guerra, de Lisboa, telefonou, associando-se à festa a que não pôde assistir por falta de saúde e abraçando todos os camaradas.

Também os Srs. Capitão Francisco Martins Fernandes, Tenente Carlos Coelho e primeiro sargento Vitor Manuel Venâncio, endereçaram cartas e telegramas de saudação.

O Rotary Clube desta cidade dirigiu ao Sr. Coronel António de Quadros Flores a se-



Um aspecto da Mesa de Honra

Impõe-se como um dever de justiça o monumento aos que tombaram pela Liberdade, pela Paz e Fraternidade.

Estou velho, gasto e consumido. A V. Ex.ª, Senhor Presidente, a quem presto as minhas homenagens, não peço, não imploro: exijo, confio em que seja o Homem a quem se venha a dever a erecção do monumento aos Mortos da Grande Guerra».

Demorados aplausos se fizeram ouvir.

Em nome da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, falou o Sr. João António da Silva Guimarães, que depois de ler uma expressiva carta do 1.º sargento Vitor Manuel Venâncio, fez diversas considerações sobre a reunião dos velhos camaradas do «20», afirmando que é sempre tempo de pagar uma dívida de gratidão aos que tombaram no campo da luta — aspiração de todos os vimaranenses. Fez alusão a fundos já existentes.

O Sr. Tenente João Baptista Pinto leu uma linda poesia sobre o Minho, após o que o Sr. Dr. José Maria de Castro Ferreira pronunciou o seu discurso.

«Como presidente da Câmara farei tudo para que sejam satisfeitas as velhas aspirações dos vimaranenses», afirmou.

O Sr. Dr. Castro Ferreira confessou a sua satisfação por assistir a tão simpática festa e por ver sentado à mesa seu pai, antigo oficial do R. I. 20.

E afirmou: «Como presidente da Câmara farei tudo para que sejam satisfeitas as velhas aspirações dos vimaranenses. Vou transmitir à Câmara as sugestões aqui apresentadas e faço votos por que esta festa tenha servido para estreitar ainda mais os laços de velha amizade».

Bebeu pelas prosperidades de todos e por Guimarães, sendo muito ovacionado no final do seu discurso.

E com vivas a Portugal terminou a reunião dos antigos militares e oficiais do R. I. 20, que tão entusiasticamente decorreu.

guinte carta, subscrita pelo seu presidente Dr. Alvaro Marinho:

«Ex.ª Sr. — Rotary Clube de Guimarães, que é constituído, como todos os Rotary Clubs que funcionam em todo o mundo, por homens de diversas profissões que, tendo por lema Bem Servir, procuram pelo culto da Amizade, estreitar mais e mais os laços que podem unir os Povos, estabelecendo a Paz e a Concórdia entre as nações, apreciou na sua reunião de ontem a iniciativa que partiu de V. Ex.ª e que vai tornar-se uma realidade, da reunião daqueles que, tendo pertencido ao glorioso Regimento de Infantaria 20, que esteve aquartelado muitos anos nesta cidade, e também foi defender aos campos da Flandres o brio e a honra da Pátria, foram soldados valerosos do aguerrido e brioso Exército Português».

E porque vê nessa próxima reunião de camaradas, homens de armas, militares distintos, uma afirmação de solidariedade e, também, de nobre patriotismo, Rotary Clube de Guimarães, cujas directrices se subordinam a um Ideal de Companheirismo e de Bem para a Paz das Nações e prosperidades do Povos, vem apresentar-lhes, com os mais respeitosos cumprimentos, as mais calorosas e vivas saudações».

O Sr. Comendador Alberto Pimenta Machado, que foi soldado n.º 709 da 11.ª Companhia do R. I. 20, ofereceu o almoço a diversos militares e a importância de 20.000\$00 para o Monumento aos Mortos da Grande Guerra, o que deu motivo a merecidos aplausos.

No final da reunião todos os oficiais e militares que a ela assistiram, deslocaram-se a casa do Sr. Coronel Duarte do Amaral, como manifestação de pesar pelo recente falecimento de sua esposa.

Devido à iniciativa e aos bons esforços do antigo componente do «20» e competente Subchefe de Banda Regimental, Sr. António Ribeiro de Castro, foi feita a gravação de toques e marchas militares, que todos puderam apreciar no decorrer das cerimónias do do-

SOB A BANDEIRA DA FÉ

Dizia o luminar da literatura latina em idioma português:

«Não há ventura tamanha
Do que encontrar vizinhos em terra estranha».

A assertiva, nestas encantadoras plagas brasileiras, não teria razão de ser, tal preponderância do traço de afinidade racial que ostenta o elemento nacional em relação ao português que aqui aporta.

Somente essa vinda pode despertar no ânimo do recém-chegado os sentimentos de vera fraternidade que unem os dois povos. Os que aí vivem, radicados ao solo pátrio, não vislumbram, sequer, o profundo traço de união espiritual existente entre brasileiros e portugueses.

Não fossem as saudades que nos prendem à inesquecível Mãe-Pátria, que vive constantemente em nossos corações e no nosso pensamento, com as suas diversidades de clima e paisagens, e o luso estabelecido no Brasil, nem se aperceberia de que reside num país plantado a milhares de milhas, num outro hemisfério do Globo Terráqueo, sob um céu diferente, integrado que está no meio ambiente, quer seja acompanhando o mesmo ritmo evolutivo e ascensional do progresso, quer compartilhando dos mesmos ideais ou sofrendo, por vezes, as mesmas emoções dos fracassos e dos triunfos materiais e do espírito, quer convivendo na mesma sociedade, dos seus usos, costumes, tradições, e ininterrupto desdobramento de intelectualidade.

Por isso, aquela expressão de filosófica sentimentalidade do insigne vate, a mais bela vibração emotiva da Poesia dentro da latitudinidade, aqui na Terra de Santa Cruz, encontra uma profundidade e ressonância toda especial. Porque portugueses e brasileiros, irmanados pela raça e pelo idioma, não encontram lindos entre o torrão natal e a nova pátria espiritual, onde fixaram os primeiros as bases de uma segunda fase de existência, em que firmam as suas esperanças em um futuro mais venturoso e prático.

Não se pode compreender facilmente porque há tamanha afinidade entre lusitanos e brasileiros, sem a tomada de contacto com o povo deste imenso país. Sim, porque correntes migratórias de todos os pontos do Mundo, aqui fixadas, também experimentam os efeitos psicológicos da assimilação do meio

e vão perdendo os traços dos seus usos e costumes nacionais característicos. Mas, a expressão racial, a comunhão da língua e a paridade de sentimentos é destacada entre os filhos de Portugal e naturais da terra, existindo entre os dois grupos humanos relações profundas de fraternais interesses e maior consonância nas realizações do trabalho e na vida social.

Parece-nos, entretanto, que a partir de 29 de Agosto de 1950, estreitaram-se muito mais os laços dessa fraterna solidariedade. É que algo mais forte do que os elos da raça e do idioma, veio consolidar sempre, para a eternidade, essa amizade recíproca, pelos sentimentos de espiritualidade. Foi nessa data memorável, para o povo simples, crente e generoso, principalmente do Estado de São Paulo, onde residimos, que aportou o corpinho de Izildinha, a menininha virtuosa, que em 1897 viu a luz na Póvoa de Lanhoso, falecida em Guimarães no ano de 1911, sendo inhumada no Cemitério de Urgeses.

Em 1950, ao serem exumados os seus despojos, verificou-se o facto extraordinário de, após 39 anos da sua morte, encontrarem-se os mesmos perfeitamente intactos, como se enterrados na véspera! E assim vieram para o Brasil, desembarcando em Santos, a fim de serem encerrados em jazigo perpétuo de família.

Sabendo da supranormal ocorrência, o povo daquele importante porto e, logo mais o de São Paulo, tomando-a por um transcendentalismo ditado pelo Alto, desde então, passou a venerar e reverenciar a menina, chamando-a de Izildinha — O Anjo do Senhor, como é conhecida, em todo o território brasileiro.

E, assim, o nome de Izildinha ratificou definitivamente e de modo indissolúvel a amizade luso-brasileira, no sentido mais amplo do espírito popular, sob a bandeira da Fé porque Izildinha — O Anjo do Senhor, vive no coração, ornado de preces, de dezenas de milhares de pessoas que dela recebem, espiritualmente, caridosas e inestimáveis graças.

PEDRO NUNO.

AVÉ IZILDINHA—O ANJO DO SENHOR

GRATIDÃO

As expressões e devotamento e amor a Izildinha manifestam-se constantemente, como uma espontânea graça de ternura e sinceridade, que a ninguém será ilícito pôr em dúvida. É bem que sejam assim, puras, simples, singelas, brotadas do fundo do coração, sem preocupações de vaidade, sem exteriorizações forçadas. É que os corações agradecidos não se manifestam com retumbâncias excessivas, que dão a ideia de que foram os únicos a merecerem as graças invocadas. Revelam os factos com aquela humildade e simplicidade de almas transparentes, cujos sentimentos estão em constante evolução, como que numa perene prece, com a qual retribuem os benefícios alcançados, seja de um ser humano, sejam do Alto, pela benemerência do Pai, através dos seus predestinados.

É quanto mais simples, quanto mais sinceras as oferendas a Izildinha, o Anjo do Senhor, são por ela recolhidas como acção de graças e guardadas no relicário sacrossanto do Criador, porque Izildinha não estabelece prioridade no seu amor e atende às criaturas que a ela recorrem.

A todas ampara, e a todas dispensa atenção e distribui benefícios,



Menina "IZILDINHA" O Anjo do Senhor

porque os perfumes das flores e a essência das fervorosas preces chegam ao seu encanto, na mais eloquente expressão, de fé, amor, confiança e esperançosa confiança.

GRAÇAS

Jacira Pinto Tavares, residente na Avenida Cabuçu, 3, São Paulo, agradece a graça de seu netinho ter sarado de crúpe. — Geraldo M. Silva, residente na Rua S. Francisco, 14, na cidade de Santos, que foi favorecido com a graça de ter sido livre de um grande desastre quando invocou seu nome. — Francisca Guimarães, residente na cidade de Montes Claros, Estado de Minas, que sob a protecção de Izildinha, viu seus negócios realizados como desejava. — Sofia Caldeira Mata, residente na Rua Ibitinga, 777, São Paulo, recebeu a graça sobre seus dois filhos, um estava fraco do cérebro e outro por ter sido livre do exército. — Jandira Costa, resi-

dente na Rua Siqueira Cardoso, 267, São Paulo, que veio de joelhos em agradecimento a Izildinha pela graça de ter salvo seu filho de crúpe. — Adeline Lassacovite, residente na Rua Av. Marginal, 17, São Paulo, que viu sob a protecção de Izildinha sua filha curada que sofria de bronquite, há mais de cinco anos. Maria do Patrocínio, residente na Rua Marechal Deodoro, 623, na cidade de Itú, que ficou curada de uma ferida na perna que sofria há mais de vinte anos. — Egle Nosralla, residente na Rua General Osório, 113, na cidade de Jaboticabal, que agradece a graça de ver sua filha curada que estava muito mal.

Na nossa Redacção e na Livraria L. Oliveira & C.ª pode ser adquirido pelo preço de 50\$00 o interessante livro da autoria de Pedro Nuno — «IZILDINHA, O ANJO DO SENHOR» — SUA VIDA — SEU AMBIENTE — SUA ÉPOCA — de 374 páginas e farta ilustração fotográfica, do qual pelo autor nos foi oferecido um lote com fins beneficentes. Destina-se todo o produto à Santa Casa da Misericórdia de Guimarães. Quinzenalmente publicaremos as Crónicas, a 14.ª das quais se publica hoje, relacionadas com a Vida de IZILDINHA, que viveu e morreu em Guimarães, mas cujo corpo foi levado mais tarde para São Paulo.

Novo processo de administração municipal

A verificação de determinados males administrativos das prefeituras brasileiras conduziu à consideração da oportunidade de se adaptar ao Brasil o sistema de governo norte-americano de «administrador» ou «gerente» municipal, isto é, do city-manager. Este é, especialmente, um técnico em administração municipal, nomeado pela municipalidade e demissível por esta, portando um servidor de absoluta confiança do órgão autárquico. Inovação norte-americana, já adoptada pelo Canadá, estes administradores municipais actuam, nos Estados Unidos, em muitas centenas de cidades. Nelas, o city-manager é o chefe do Executivo, ao passo que a Câmara Municipal funciona como Poder Legislativo. Sendo exclusivamente um funcionário administrativo, não tem qualquer responsabilidade política ou protocolar, enquanto que a Câmara actua como órgão de deliberação colectiva, assumindo integral responsabilidade política pelas suas decisões. Os resultados desta dualidade Câmara-administrador parece serem salutares para a vida municipal. Alheados da política, simplesmente técnicos e simplesmente funcionários, eles servem os vários partidos e as cidades, quaisquer que sejam, que os contratam. A sua profissão é como qualquer outra, sujeita a um regime de oferta e procura, motivo

por que nos grandes jornais é vulgar encontrarem-se anúncios a eles respeitantes. O seu êxito profissional está na sua maior ou menor competência para gerirem a vida de uma cidade, de todo um concelho — como diríamos entre nós. No Brasil, o binómio Câmara-administrador municipal foi sugerido, como terapêutica para os males administrativos das prefeituras pela Comissão Consultiva de Administração Pública ao apresentar à Prefeitura de Vitória as conclusões dos estudos que realizou, a pedido, sobre a organização e o funcionamento dos seus serviços. É possível que a mesma sugestão seja em breve feita junto das Prefeituras de Belo Horizonte e de Curitiba. Lê-se numa revista de assuntos políticos e económicos do Rio de Janeiro: «Não se preconiza para o Brasil o sistema Câmara-administrador municipal, que isso implicaria na supressão do prefeito. O administrador, no nosso país, será um auxiliar de confiança do chefe da comuna. O prefeito permanecerá com a responsabilidade política e os encargos protocolares, a Câmara continuará com a sua tradicional função legislativa, e o administrador administrará os serviços municipais. Este será um homem livre para gerir a cidade, como o gerente de uma casa comercial dirige o seu negócio».

A Têxtil do Robalo, Limitada

Com sede em Guimarães

Faz-se público que, por escritura de 15 de Fevereiro de 1956, lavrada por mim notário a folhas 99 verso do meu livro de notas n.º 501, António Cândido de Carvalho Miranda, casado, industrial, morador nesta cidade, dividiu a sua quota de 12.000\$00 que finha na sociedade acima referida em três: uma de 6.000\$00 e duas de 3.000\$00. Pela mesma escritura aquele

António Cândido de Carvalho Miranda, cedeu a quota de 6.000\$00 a Manuel Cardoso do Vale, casado, industrial, também morador nesta cidade, e cada uma das de 3.000\$00 respectivamente a Bernardo Nicolau de Miranda, solteiro, maior, industrial e Joaquim Carvalho Miranda, casado, industrial, a ambos moradores nesta cidade.

Secretaria Notarial de Guimarães, 8 de Março de 1956. O Notário, Eduardo Borges Vieira de Mascarenhas.

APRENDER ATÉ MORRER

A actividade de El-Rei D. Dinis

Foi El-Rei D. Dinis um dos nossos soberanos que maior número de edifícios levantaram por todo o reino. Nenhum outro fundou tantos castelos; de que resultou aperfeiçoar-se este género de construção, tomando a arquitectura militar uma certa feição característica, que a diferenciava da que fora usada pelos mouros e que servia de norma até então.

Os palácios, templos, mosteiros, e outros edifícios religiosos que erigiu, patenteiam notável progresso na arte de construir, se compararmos o que deles nos resta com as relíquias de outras fábricas dos reinados antecedentes.

O paço chamado das Alcaçovas, que fundou para sua residência dentro do castelo de Lisboa, delimitado por artista português, foi o primeiro palácio de arquitectura nobre e regular que teve esta capital e todo o reino. Possuímos uma gravura muito antiga que mostra a sua fachada principal. Era muito superior a todos os respeitos ao paço de S. Bartolomeu, edificado por El-Rei D. Afonso III, próximo da muralha do mesmo castelo, mas da parte de fora para o lado do sul.

Os paços do castelo de Leiria, fundação do mesmo soberano, ainda mostram nas suas venerandas ruínas que possuíram alguma riqueza de ornamentação, que denuncia mais apuro na arte e no gosto. Os paços

do castelo de Estremoz, edificados na mesma época, lá estão de pé para darem testemunho da solidez da construção, embora não conservem, como aqueles, a pureza das primeiras feições.

Outros paços edificou El-Rei D. Dinis para vivenda de campo em Frietas e em Odivelas. Do primeiro não restam vestígios; e o segundo foi por ele próprio demolido para fundar no mesmo lugar o mosteiro de S. Dinis, de freiras da Ordem de S. Bernardo.

J. de Vilhena Babo.

Um homem hourado, que se não nomeia, folgava de beber vinho; e porque El-Rei D. João II o não bebia, havia-se por tacha, e todos em geral trabalhavam por seguir as obras e condição de El-Rei. E este homem às vezes lhe fazia o vinho dano, de que El-Rei tinha desprazer. Um dia o mandou chamar, e ele, por não cheirar a vinho, comeu folhas de loiro, a que muito cheirava; e El-Rei lhe disse:

— Fuão, debaixo desse loiro, a como vale a canada?

De que o homem ficou envergonhado, e trabalhou de se emendar.

Garcia de Rezende. — «Chron. de D. João II», cap. 152.

DE COVAS

O Problema Escolar de Polvoreira

A industrial freguesia de Polvoreira — uma das mais importantes e progressivas do concelho — está, nestes últimos tempos, a atravessar uma fase de progresso grandioso. Para isso, de muito tem valido a nossa indústria. Nem só nos grandes problemas reside o progresso de qualquer localidade e até, por vezes, pequenos «nadas» podem ser o indicativo do desejo de se progredir, quer pela modificação dos sistemas, quer pelo seu aproveitamento, quer, ainda, pela sua modernização. E isto é compreensível, pois torna-se sempre grato a quem visita uma terra, notar qualquer motivo que denuncie o seu desenvolvimento. Há problemas em Polvoreira que, por mais que se tentem, não há forma de se lhes dar realidade. E aqui é evidente a falta de escolas. Fomos informado das diligências da Junta de Freguesia e de outras personagens, e ficamos admirados do que se passa.

Tendo em atenção que o Plano de Educação Popular constitui uma medida de grande alcance para o País, impõe-se não só criar cursos mas fundamentalmente instalá-los em edifícios onde se possa ministrar o ensino, sem encontrar obstáculos que a lei proíba. Assim é que é olhar e cuidar das crianças e alfabetos. Vem este preâmbulo a propósito dum caso absurdo, mas real, que se está a passar nesta freguesia e que aqui já foi tratado diversas vezes, ou seja o problema escolar ministrado em edifícios particulares. Ora, este problema carece de solução urgente. Tratando-se de uma freguesia com mais de 4.000 habitantes e com cerca de 300 crianças que frequentam os cursos em regime de desdobramento, não tem uma escola em edifício próprio. Ainda que pareça estranho, é verdade! O que há — não presta, é antiquado, anti-higiénico e impróprio dum terra portuguesa. Os cursos funcionam aqui

Ora, decorridos muitos meses, já anos, continuamos sem ser atendidos, só pelo facto de não haver quem venda terreno. Pergunta-se: porque será que se consegue terreno para Estádios e não se consegue para construir Edifícios Escolares?

Para compensação a Câmara fez mais um contrato de arrendamento de um andar por 450\$00 mensais para o funcionamento de mais três salas de aula. Não podemos concordar com tal resolução; 1.ª, porque não foi isto o que nos prometueu uma alta individualidade quando da sua estadia nesta freguesia; 2.ª, devido ao edifício não ter as indispensáveis condições de conforto, de luz, higiene e recinto próprio para recreio; 3.ª, por estar junto à estrada — local perigosíssimo para as crianças e 4.ª, por estar rodeado de tabernas e a lei é clara; não admitindo que se abram estas próximas de escolas, cremos que também não se devem abrir escolas próximo das tabernas. Até ver, os dois melhores salões escolares são o da Nora e o feminino da Valinha, recomendados tanto pelo local como pelas insignificantes rendas — poucas dezenas de escudos. Mais ainda: a população escolar nesta freguesia está a aumentar consideravelmente de ano para ano, sendo todas as salas necessárias, portanto, convém não abandonar estes salões, caso contrário e para futuro, terão de alugar outro salão... por elevado preço. Ou não estaremos nós na boa razão?

Na verdade isto não deve continuar assim. Tal circunstância redundando em prejuizo da campanha em que anda empenhado o Ministério da Educação Nacional, contra o analfabetismo. Movidos pelo grande desejo de tornar Polvoreira cada vez mais progressiva, esperamos que de alguma coisa venham a valer estas nossas palavras. Que sejam elas o princípio dum movimento de simpatia e de acção em prol dos prometidos e tão desejados Edifícios Escolares.

Até parece mentira — mas é verdade!

A estrada camarária que daqui segue para Santo Amaro e Pevidém foi alargada. É um melhoramento que veio beneficiar os automobilistas, que se viam em sérios embaraços para vencer a curva que aí existia, conforme já aqui dissemos. O que não está certo é terem ficado no mesmo sítio dois postes da energia eléctrica que, agora, estão no meio da estrada. Mas o nosso reparo é ainda mais pela falta de sinalização durante a noite, tornando-se um grande perigo.

Segundo nos informam, já ali se deu o primeiro desastre com o Sr. Adriano Sousa, desta localidade, felizmente sem graves consequências. Para o caso chamamos a atenção da Câmara e dos concessionários da luz eléctrica.

Disparate

Informam-nos que as Regentes Escolares só receberam este ano os seus honorários de Outubro e Novembro. Realmente, este caso é daqueles que carecem dum estudo atento e de uma solução rápida. Tal disparidade não pode, não deve, manter-se de maneira nenhuma. Quem vê isto? — C.



Escola de Polvoreira

em regime de desdobramento, em edifícios particulares, um deles em mísero estado — onde funcionam dois cursos nocturnos de adultos à luz de velas e de petróleo, apesar do resto do edifício estar electrificado. Necessidades imperiosas reclamam as prometidas escolas, nos dois extremos da freguesia. Há muito que aqui dissemos que o problema ia ser resolvido. Pois, para tal fim, esteve nesta freguesia, acompanhado pelas autoridades do concelho, um engenheiro da Delegação de Construções de Escolas Primárias, da Direcção dos Monumentos Nacionais e procedeu à escolha do terreno.

NITROPHOSKA
BOR-NITROPHOSKA
SULFONITRATO DE AMÓNIO } Fertilizantes
UREIA

AZOCAL
NITRATO DE CAL } Coberturas

Batata de semente Nacional e Estrangeira
Up-to-date — Arran-Banner — Arran-Consul

Insecticidas: Perfektan } líquido para pulverizações
Pó molhável
para sementes
Pó para polvilhar

Fungicidas:
Kumulos — Enxofre molhável Pulverizações.
Kupfer-Kumulos — Cobinação cobre-enxofre.
Kupfer-Perfektan — Cobre com insecticida.
Rapidnetzer — Molhante rápido especial.

Herbicidas: 2, 4-D-MCPA — 2, 4, 5-T — para mondas químicas — AMASIL — Para juntar às forragens na ocasião da ensilagem

Todos estes produtos são produzidos na conceituada fábrica alemã: *Badische Anilin & Soda — Fabrik A. G. Ludwigshafen A. Rhein — Alemanha Ocidental*

Vinhos Tintos, Brancos e Espadeiro — engarrafados e de pipa da afamada região de Basto da Quinta da Avelosa

Vende aos melhores preços

JOÃO PASSOS BASTOS (182)

Largo do Trovador, 41 — GUIMARÃES — Telefone, 40224

mingo, o que constituiu nota impressionante e merecedora de justos louvores.

Pudemos registar, entre os assistentes às cerimónias a que nos acabamos de referir, os seguintes nomes:

Coronéis António de Quadros Flores, Mário de Vasconcelos Cardoso e Malaquias Augusto de Sousa Guedes; Tenente Coronel Francisco Martins Ferreira; Majores António José Teixeira de Miranda, Miguel Ferreira e Manuel de Almeida; Capelão Militar Padre João Pedro de Bourbon Sampaio (Lindoso); Capitães José Guedes Gomes, João António de Freitas Garcia, António Couto Vasconcelos, António Guerreiro, Joaquim Ferreira Pedras, Manuel de Jesus Rebelo da Cruz e Albano José da Cruz; Tenentes Bernardo de Castro, José Campos de Carvalho, Albano Campos, Pedro Machado, Alvaro Martins de Campos, João Paulo Mexias, João Baptista Pinto, Alberto Carvalho de Melo, Delfim Dias, Joaquim da Silva Caldas e

ainda numerosos sargentos e praças do «20» entre os quais pudemos anotar os seguintes nomes: Comendador Alberto Pimenta Machado, Joaquim de Sousa Oliveira, Joaquim Magalhães, António Fernandes, Emílio Esteves da Silva, Alvaro Machado, Joaquim Ferreira de Campos, Constantino da Silva, Abel Peixoto Salier, António Magalhães, Júlio Exposto, José da Silva Andrade, Amadeu Miranda, António Ribeiro de Castro, Domingos Pereira de Magalhães, Manuel Ribeiro, João A. da Silva Guimarães, Leopoldino José Cerdeira, António Gonçalves, António Martins Ribeiro da Silva, Júlio Mendes, Domingos Ferreira, José de Sousa, Joaquim de Almeida, Belo Lobo, Henrique Gomes de Freitas, Francisco Gonçalves da Cunha, António da Silva Feresinhos, José da Costa Pacheco, Manuel Monteiro, Manuel Martins Ribeiro da Silva, Simão da Costa Pacheco, António da Costa Pacheco, Augusto Ribeiro de Araújo, Abílio Mendes, Augusto da Costa Fernandes, António de Oliveira, Manuel Caetano, José Torres, Francisco Ferreira, Jerónimo Gomes da Silva, António Fernandes, Agostinho Carneiro, João de Castro, António José da Costa, Manuel de Matos Marinheiro, etc., etc.

da cidade

Boletim Elegante

Aniversários natalícios

Fizeram e fazem anos:

No dia 14, a menina **Maria Adelaide**, filha do nosso prezado amigo sr. dr. **Júlio Carlos Gomes dos Santos**, Juiz de Direito em Póvoa de Lanhoso e o nosso prezado amigo sr. **Terésio Fernandes Abreu**; no dia 15, o nosso prezado amigo e distinto colaborador sr. **João de Sousa Machado**; no dia 17, o nosso prezado amigo sr. **Alfredo Lopes Correia**, industrial em Pevidém; no dia 18, a sr.ª **D. Maria Augusta Pereira Mendes** e o comerciante e nosso bom amigo sr. **António Machado**; no dia 19, a sr.ª **D. Laurinda Gonçalves Dias de Castro**, mademoiselle **Maria José Martins Ribeiro**, filha do nosso prezado amigo sr. **Casimiro Ribeiro**, de Gondar; o nosso prezado amigo e concelutado industrial sr. **António Pimenta** e a sr.ª **D. Maria Elsa de Campos Sousa Guise Cruz**, esposa do nosso bom amigo sr. dr. **António Mota Rebelo da Cruz**, Oficial da Alfândega de Valença; no dia 20, o nosso prezado amigo e distinto publicista sr. **Alberto Vieira Braga**; no dia 21, a menina **Maria Manuela**, filha do nosso prezado amigo sr. dr. **José da Conceição Gonçalves**; no dia 22, o menino **João Pedro Rodrigues Guimarães**, afilhado do nosso bom amigo sr. **José Fernandes** e os nossos bons amigos srs. **Albertino Faria Martins**, do Pevidém e **Herculano José Fernandes**; no dia 23, a sr.ª **D. Maria Margarida I. Teixeira** Rua de Sousa, esposa do nosso bom amigo sr. **Ezequiel de Sousa**, residentes em Viseu; no dia 24, os nossos prezados amigos srs. **Francisco Laranjeiro dos Reis** e **A. Mário dos Santos Martins**, conceituado comerciante no Porto e a sr.ª **D. Maria Emília Cardoso Dias de Castro Freitas**, ausente em África.

«Notícias de Guimarães» aprende-lhes os melhores cumprimentos de felicitações.

No dia 16 completou 6 risonhas primaveras a interessante menina **Maria João**, filha do nosso bom amigo sr. **João de Almeida Garcia** e de sua esposa a sr.ª **D. Maria José Berbedo Garcia**.

Muitos parabéns.

Baile de Páscoa no Palácio dos Lobos Machados

A Comissão que tomou o encargo de levar a efeito o Baile de Páscoa no Palácio dos Lobos Machados, desta cidade, e a que tivemos já ocasião de nos referir, não se tem poupado a esforços para que aquela festa resulte, realmente, brilhante, tendo recebido numerosas adesões de diversos pontos do país e desta cidade.

Uma Comissão de gentis Senhoras presta o seu melhor concurso àquela festa que está despertando vivo interesse no nosso meio.

Partidas e chegadas

Cumprimentámos nesta cidade, onde vieram tomar parte na reunião dos antigos militares de Infantaria 20, os nossos prezados amigos srs. major **Miguel Ferreira**, de Fafe; capitão **José Guedes Gomes**, de Fermil de Basto; capitão **Manuel de Jesus Rebelo da Cruz** e capitão **Albano Cruz**, de Viana do Castelo; tenente **Bernardo de Castro**, de Cabeceiras de Basto; tenente **Joaquim Caldas**, de Vizela; **Constantino da Silva**, de Vizela e **P.º João Pedro de Sampaio Bourbon** (Lindoso), de Sande.

Também esteve nesta cidade o nosso prezado amigo sr. **Octávio Pereira Machado**, residente em Braga.

Estiveram nesta cidade os nossos prezados amigos e distintos colaboradores srs. **A. L. de Carvalho** e coronel **António de Quadros Flores**.

Regressou dos Açores o nosso prezado amigo sr. **Herculano José Fernandes**.

No princípio da semana regressaram a Lisboa os nossos prezados confraterneos e amigos srs. eng.º **Duarte do Amaral**, acompanhado de sua esposa e capitão **Gaspar de Freitas do Amaral**.

Também regressou a Lisboa, a fim de tomar parte nos trabalhos da Assembleia Nacional, o ilustre Deputado e nosso prezado amigo sr. capitão **José Maria Pereira Leite de Magalhães Couto**.

Tem estado em Estarreja o nosso prezado amigo e concelutado industrial sr. **José Torcato Ribeiro Júnior**.

Esteve nesta cidade, e deu-nos o prazer de sua visita, o nosso prezado confraterneos e amigo sr. **Manuel de Sousa Guise**, residente no Porto.

Também esteve nesta cidade o nosso querido amigo e ilustrado sacerdote rev. **Francisco Fernandes da Silva**, residente em Caminha.

Seguiu para a Bélgica, em viagem de estudos às grandes Fábri-

cas de Equipamento Eléctrico (A. C. E. C.) de Charleroi, e a outros centros industriais de Holanda e Alemanha, o sr. eng.º **António José Carneiro de Quadros Flores**.

Esteve em Lisboa, de onde já regressou, o nosso prezado amigo sr. **Fernando Cintra Penafort**.

Esteve nesta cidade de regresso de Espanha, o sr. **Mário Alves**, do Porto.

Encontra-se nesta cidade, a substituir uma colega, a professora sr.ª **D. Nazaré da Conceição Lucas**, de Braga.

Doentes

Tem passado bastante incomodado, tendo recolhido a um quarto particular do Hospital da Misericórdia, o nosso prezado amigo sr. **António Pimenta**.

Esteve doente, encontrando-se já completamente restabelecido, o nosso bom amigo e distinto colaborador sr. **Jerónimo de Almeida**.

Vimos já quase completamente restabelecidos, os nossos prezados amigos srs. tenente **Pedro Machado** e dr. **Armando Teixeira de Faria**.

Encontram-se também quase completamente restabelecidos, os nossos bons amigos srs. **Arnaldo de Sousa Guise**, **José Jacinto Júnior** e **Armando Martins Ribeiro da Silva**.

Tem passado novamente doente a sr.ª **D. Inês da Silva Gonçalves**, esposa do nosso prezado amigo sr. dr. **José da Conceição Gonçalves**.

Já se encontra restabelecido o nosso prezado amigo e digno Agente do Banco de Portugal, nesta cidade, sr. **António Mendes Serrano**.

Esteve doente mas já se encontra restabelecido o nosso bom amigo sr. **António de Almeida**.

Desejamos o breve e completo restabelecimento de todos os doentes.

Falec. e Sufrágios

D. Maria do Carmo Fragoso Carmona

Faleceu em Lisboa, na Casa do Lumiar e contando 77 anos de idade, a sr.ª **D. Maria do Carmo de Fragoso Carmona**, viúva do antigo Presidente da República Portuguesa Sr. **Marechal António Oscar de Fragoso Carmona**, há poucos anos falecido.

O funeral da respeitável Senhora, que foi figura de relevo na Sociedade, efectuou-se para um dos Cemitérios daquela Cidade, para jazigo de família, tendo tomado parte nas homenagens fúnebres personalidades de destaque na vida do país.

Apresentamos condolências à ilustre família Carmona.

Aniversário lutooso

Faz na próxima terça-feira, 20, cinco anos que faleceu o sr. **Joaquim Gomes de Oliveira**. Comemorando o triste acontecimento, seu filho, o sr. **Manuel Gomes de Oliveira**, manda celebrar uma missa por sua alma, às 8 horas, na capela da V. O. T. de S. Domingos.

Paulino de Magalhães

Na sua residência, na Avenida Duarte Pacheco e contando 64 anos de idade, faleceu, ontem, de madrugada, vitimado por uma síncope cardíaca, o antigo e conceituado comerciante da nossa Praça sr. **Paulino de Magalhães**, casado com a sr.ª **D. Rosa da Purificação Flores de Magalhães**, pai da sr.ª **D. Maria Antónia Flores de Magalhães** e dos srs. **João Afonso Flores de Magalhães** e **Manuel Maria Flores de Magalhães**, irmão da sr.ª **D. Maria da Conceição de Magalhães** e cunhado dos srs. coronel **António de Quadros Flores** e dr. **Fernando Lopes de Matos Chaves** e da sr.ª **D. Albina Iracema de Quadros Flores**.

O extinto prestou serviços como Mesário na Ordem de S. Domingos e, mercê das suas qualidades de carácter e de trabalho, era geralmente estimado no nosso meio.

O seu funeral realiza-se hoje, às 9 horas, na capela da V. O. T. de S. Domingos.

A toda a família dorida apresentamos sentidas condolências.

De luto

Pelo falecimento de seu pai, ocorrido há semanas em Monchique, guarda luto a sr.ª **D. Vicência Mira Queiroz**, esposa do nosso prezado amigo sr. **Herculano Queiroz Dias de Castro**.

Tardiamente, embora, apresentamos-lhes sentidas condolências.

Pelo falecimento de um seu tio, ocorrido em Fafe, guardam luto a esposa do nosso bom amigo sr. **Damião de Sousa Pinto** e os também nossos bons amigos srs. **Aníbal**, **Humberto** e **Altino Dias Perelra**.

Os nossos pésames.

Vida Católica

Domingo da Paixão. Missa própria (omite-se Ps. *Judicame*) sem *Glória. Credo*. Prefácio da Cruz.

Paramentos de cor roxa.

Foi imponente a solenidade de Lázaro, realizando-se hoje a suntuosa Procissão do Senhor dos Passos

Realizou-se, ontem, à noite, no amplo templo dos Santos Passos, que apresentava riquíssima deco-

ração de veludo roxo e se via profusamente iluminado com centenas de luzes, a solenidade de Lázaro, que decorreu durante a recepção das esmolas, tendo sido extraordinária, como sempre, a concorrência de fiéis ao templo, onde estiveram à veneração, em seus andores, as formosas e venerandas imagens do Senhor dos Passos e de Nossa Senhora da Soledade.

No coro fez-se ouvir, em composições apropriadas à Paixão do Senhor, um bem organizado grupo coral.

Hoje, se o tempo o permitir, deve realizar-se a Procissão do Senhor dos Passos, que a esta cidade atrai todos os anos multidão incalculável de forasteiros, saindo o préstito às 17 horas daquele templo, percorrendo o seguinte itinerário:

Largo da República do Brasil, Avenida Alberto Sampaio, Rua de Serpa Pinto, Largo Martins Sarmiento, Avenida Eng.º Duarte Pacheco, Rua de Santo António, L. do Toural, Largo Prior do Crato, Rua de S. Dâmaso, recolhendo, seguidamente, ao mesmo templo.

A Festividade em honra de Nossa Senhora das Dores, em S. Francisco

Promete revestir a maior solenidade a festa anual em honra de Nossa Senhora das Dores, no majestoso templo da Ordem de S. Francisco, que se realiza na próxima sexta-feira e é promovida, como habitualmente, pela Mesa da digna presidência do sr. dr. **Leopoldo Martins de Freitas**, com a valiosa coadjuvação de uma comissão de senhoras.

O templo apresentará uma luxuosa decoração da Casa João Augusto Passos, conservando-se a formosíssima imagem da Mater Dolorosa, escultura do grande Mestre Soares dos Reis, no trono que será adornado pelas senhoras da comissão, à veneração dos fiéis.

A imponente e tradicional solenidade, sem dúvida a maior que durante o ano se realiza nos templos de Guimarães, terá início às 11 horas com missa solene e prosseguirá à noite, pelas 21 horas, com exposição do SS.º Sacramento, sermão pelo talentoso orador sacro rev. dr. **Pinto Carneiro**, de Coimbra, *Stab de Mater* e bênção Eucarística.

A parte coral está confiada a um grupo que se fará ouvir sob a regência do rev. P.º **José de Sousa Monteiro**, de Vizela, com acompanhamento de orquestra.

Fol comemorado o Aniversário da Coroação de Sua Santidade o Papa

No passado domingo, dia 11 e no templo da Colegiada de Guimarães, foi cantado um Soleníssimo Te-Deum, em comemoração do aniversário da Coroação de Sua Santidade o Papa Pio XII, que no dia 4 completara 80 anos de existência, tendo sido estes acontecimentos celebrados, com júbilo, pelos católicos de todo o Mundo, que desse modo homenagearam o Papa Reinante e pediram ao Senhor pela conservação da preciosa saúde do Chefe Supremo da Igreja Católica.

Presidiu ao Te-Deum o Rev.º Arcebispo Primaz, Senhor **D. António Bento Martins Júnior**, assistindo numeroso clero e muitos organismos católicos, assim como as autoridades locais e pessoas de representação, colégios, instituições beneficentes, etc.

Comunhão Pascal Colectiva

Conforme foi noticiado, realizou-se no dia 11 a Comunhão Pascal Colectiva dos alunos do Liceu de Guimarães e demais Estabelecimentos de Ensino da nossa terra.

A vasta igreja de N. S. da Oliveira oferecia aspecto de solene grandiosidade quando o Senhor Arcebispo Primaz iniciou a celebração da Santa Missa, que foi explicada e acompanhada por numerosíssimo Coral do Liceu, sob a direcção do Professor César Moraes.

O Senhor Arcebispo, que no momento próprio fez alusiva alocução, foi auxiliado por três sacerdotes na distribuição da Sagrada Comunhão, seguindo-se à Missa o Sacramento da Confirmação ministrado a 514 alunos de ambos os sexos, tendo servido de Padrinhos o sr. Vice-Reitor, dr. **José Catanas Diogo** e a Professora sr.ª **D. Maria Estrela de Moraes Barroso**.

No final os estudantes prestaram entusiástica homenagem ao Santo Padre numa dependência da igreja, tendo o aluno **Manuel Orlando Alves** lido uma mensagem, com um telegrama enviado ao Senhor Nuncio Apostólico, e entregou ao Senhor Arcebispo a quantia de 1.450\$00 para os Seminários, como prova da sua colaboração com a Santa Igreja. O Senhor Arcebispo agradeceu, comovidamente, esta expressiva homenagem.

Os srs. Professores do Liceu assistiram e tomaram parte nestes solenes actos.

Ao venerando Arcebispo Primaz foi oferecido, no Internato Municipal, um almoço íntimo, com a presença apenas de algumas individualidades de representação oficial ligadas ao ensino.

Foi na verdade uma festa magnífica, que impressionou belamente todos quantos a ela assistiram.

Missa em acção de graças

Mandada rezar pela sr.ª **D. Eulália Couto**, será celebrada uma missa no dia 21, às 8 horas, na Igreja da Misericórdia, no altar de S. Bento, em acção de graças.

Festa a S. José, no Pevidém

Realiza-se amanhã, no templo paroquial de S. Jorge de Selho, a festividade habitual do glorioso Patriarca S. José, a expensas do importante industrial sr. **José Rodrigues Guimarães**, com o seguinte programa: Às 8 horas, missa rezada e comunhão geral; às 11 horas, missa solene cantada a vozes e harmonio pelos organismos católicos da freguesia, com sermão e bênção eucarística. Em seguida será benzida uma rica imagem de S. José, que será entronizada na Fábrica de Fiação e Tecidos da Firma Alberto Rodrigues de Figueiredo & Filhos, sendo conduzida em procissão para um nicho colocado numa das dependências da Fábrica, sendo feita seguidamente a consagração a S. José.

Pia Associação dos Amigos do S. Coração de Jesus

Realiza-se hoje a reunião mensal desta Associação, na Igreja de N. S.ª da Oliveira, pelas 7 horas, com missa, comunhão geral e cânticos.

S. José

A Irmandade de S. José, erecta na igreja de S. Dâmaso, manda celebrar no próximo dia 19 a missa estatutária, em honra do seu Padroeiro, pelas 9,50 horas.

Comunhão Pascal

Principia amanhã, na igreja paroquial de S. Sebastião (Domingas), pelas 21 horas, uma semana de conferências preparatórias para a comunhão pascal de homens e rapazes, que se realiza no próximo domingo, dia 25, na missa das 8 horas.

Na véspera, haverá confessores para atender todas as pessoas.

Na igreja paroquial de S. Miguel de Creixomil também se realiza, hoje, a comunhão pascal colectiva de todas as pessoas da freguesia, havendo missas às 6, 7, 8, 9, 10 e 11 horas.

Semana Santa

Na igreja de N. S. da Oliveira vão realizar-se, com todo o esplendor litúrgico, as solenidades da Semana Santa, cujo programa será publicado no próximo número.

Serviço de Farmácias

Hoje, domingo, está de serviço permanente a Farmácia Henrique Gomes, à R. da Rainha, Telef. 4146.

Notícias de Guimarães n.º 1263 - 10-3-1956

COMARCA DE GUIMARÃES
Secretaria Judicial

ANÚNCIO
1.ª publicação

Por este se anuncia que no dia 21 do próximo mês de Abril, pelas 11 horas, à porta do Tribunal Judicial desta comarca, se há-de proceder à arrematação em hasta pública e em primeira praça, do prédio adiante mencionado, pelo maior lance oferecido acima do que vai indicado, penhorado nos autos de execução fiscal administrativa que a Fazenda Nacional, representada pelo Digno Agente do Ministério Público move contra **Francisco de Sousa Almeida**, do lugar da Várzea, freguesia de São Martinho de Candoso, desta comarca.

A PRACIAR

Prédio de 2 andares, construído em pedra, com uma divisão no rez do chão e três no 1.º andar, com seu respectivo quintal, situado no lugar do Pevidém, freguesia de São Jorge de Selho. E' o prédio descrito na Conservatória sob o n.º 44.775, que fazia parte e foi desanexado do prédio n.º 26.497, inscrito na matriz urbana sob o art. 28.º, que vai à primeira praça pela quantia

LAVRADORES INDUSTRIAIS PROPRIETÁRIOS

Reparem nos TUBOS GALVANIZADOS que se aplicam nas vossas instalações. Não os comprem de parede reduzida... Como somos os únicos importadores no Concelho, somos os únicos que podemos fazer bons preços.

A Competidora de Representações, L.ª

RUA DA RAINHA N.º 115 - TELEF. 4523

Notícias de Guimarães n.º 1263 - 10-3-1956

COMARCA DE GUIMARÃES
Secretaria Judicial

ARREMATACÃO
(2.ª publicação)

No dia 31 de Março próximo, pelas 11 horas, à porta do Tribunal do Segundo Juizo da comarca de Guimarães, se há-de proceder à arrematação em hasta pública e em primeira praça dos prédios a diante indicados e penhorados nos autos de execução ordinária em que são exequentes **Noé Ramos Pereira**, casado, construtor Civil, do lugar de Santana, freguesia de Oliveira, da comarca de Vila Nova de Famalicão e executados **Alvaro de Sousa** e mulher **Maria Machado de Oliveira Alves** e **Avelino Machado**, viúvo, todos proprietários, do lugar do Monte, da freguesia de Guardizela, desta comarca, a saber:

PRÉDIOS

Propriedade composta de casas de habitação e quintal, sita no Lugar do Monte, freguesia de Guardizela, descrita na Conservatória sob o n.º 29.756 e inscrita na matriz, sob o artigo 42, que é posta em praça pela quantia de 40.000\$00.

Prédio urbano composto de uma morada de casas de altos e baixos, com dois andares e quintal, no mesmo lugar e freguesia, descrita na conservatória sob o n.º 42.970 e inscrito na matriz sob o artigo 74, que é posto em praça pela quantia de 50.000\$00.

A cargo do arrematante ficam as despesas da praça e o pagamento da sisa.

Guimarães, 27 de Fevereiro de 1956.

O Juiz de Direito do 2.º Juizo, 175
Valdemiro Ferreira Lopes.

O chefe da 1.ª secção, do mesmo juízo,
José Maria Soares.

Teatro Jordão

APRESENTA

NOITE, N.ºS 15 E N.ºS 21,30 HORAS
O DIA, 2.ª FEIRA, 19 -- N.ºS 21,30 HORAS

CINEMA SCOPE

DESIRÉE

Marlon Brando-jean Simmons-Merle Oberon-Michael Rennie
(Espectáculo para maiores de 18 anos)

TERÇA-FEIRA, 20 -- N.ºS 21,30 HORAS

Quando o Margalga a Terra

Alves da Costa-Brúilde Judice Curado Ribeiro
Em benefício da casa distribuidora *Filmes Albuquerque, Lda.* que no ano findo teve um grande incêndio nas suas instalações.
(Espectáculo para maiores de 13 anos)

QUINTA-FEIRA, 22 -- N.ºS 21,30 HORAS

EXPRESSO DO ORIENTE

Silvana Pampanine-Henri Vidal
Documentário do jogo *Benfica-Porto.*
(Espectáculo para maiores de 13 anos)

SÁBADO, 24 -- N.ºS 21,30 HORAS

O Diamante de Marajá
(Espectáculo para maiores de 18 anos)

AGRADECIMENTO

Padre João de Oliveira, impossibilitado de agradecer individualmente a todos os seus Ex.ºs Amigos, que tanto se interessaram pela recuperação da sua saúde, visitando-o, telefonando ou escrevendo-lhe, a quando da operação cirúrgica de emergência, a que teve de submeter-se em 24 de Fevereiro do corrente ano de 1956, vem, por este meio, patentear a todos a sua eterna gratidão e, nomeadamente, vem agradecer à Ex.ª Mesa da Santa Casa da Misericórdia, aos Ex.ºs Médicos, Ilustre Capelão e Religiosos da dita Santa Casa, aos Ex.ºs Senhores dr. João Afonso de Almeida, dr. João de Almeida e dr. José Maria de Castro Ferreira e aos seus queridos paroquianos de S. Romão e de Aldão os carinhos e provas de amizade que fizeram favor de lhe dispensar.

S. Romão de Mesão-Frio, 14 de Março de 1956. 185

P.º João de Oliveira.

OFERTAS e PROCURAS

Prédio novo, de óptima construção, vende-se com ou sem recheio, na Rua Abade de Tagilde, em virtude do seu proprietário não poder, por motivo de doença, administrar os seus negócios. Tratar na **Casa Simão**, na mesma Rua, com viúva de Simão Fernandes. 128

Professores Precisam-se para Cursos de Contabilidade e Línguas de Francês e Inglês. Nesta redacção se informa. 154

ESTABELECIMENTO No centro da cidade, passa-se, por motivos à vista, com ou sem recheio, falar com **Manuel da Silva Ribeiro**, Rua Abade de Tagilde. 168

Explicações Dão-se, nas disciplinas de matemática e Físico-Químicas do Curso dos Liceus e Escolas Técnicas. Tratar no Largo do Toural, 68. 141

Representações Aceita firma em Lisboa bem conceituada na praça. Resposta a este jornal n.º 5.

Aluga-se O 1.º andar do novo prédio da Rua do Anjo, n.º 51, próximo do Toural. Falar na Camisaria Martins. 190

EMPREGADA Precisa-se. Para serviços de escritório. Indispensável que possua o curso da Escola Industrial e Comercial. Falar na redacção.

Use Gazcidla

SOCIEDADE DE CONSTRUÇÕES GUIMAR LDA

AVENIDA CONDE MARGARIDE • GUIMARÃES • TEL. 40113

Obras Públicas, Civis e Industriais. Cimento armado. Projectos.

GERÊNCIA TÉCNICA
A. PINTO DA SILVA — Eng.º Civil

DESPORTO

A "MARATONA" DO FUTEBOL NACIONAL

(FASE - FINAL)

Coruchense, 1 — Vitória, 2

Passo firme para a concretização da maior das ambições

Até domingo último o Curuchense, no seu campo, somente tinha cedido um ponto, ao empatar com o Oriental para o torneio de apuramento da Zona Sul do campeonato em curso. Não tinham, até agora, os seus adeptos sofrido o travo amargo da derrota no seu próprio campo. Ora, o Vitória, logo na sua primeira deslocação para a fase final da prova, teve mérito para alterar aquilo que os ribatejanos entendiam existir já como norma. Para isso foi preciso jogar-se com dedicação, num esforço comum, em entre-ajuda firme, tudo aliado a uma valia técnica, que a generalidade da Imprensa realçou nas suas críticas.

Por isso, pode-se dizer que o Vitória iniciou a *poule* final do campeonato da melhor maneira, dando um passo firme para a concretização da maior das ambições — o regresso à Divisão Maior.

Longe de Guimarães, percorrida longa distância, quase sem apoio dos seus adeptos, os jogadores vimezanenses demonstraram a sua valia e o mérito técnico do seu conjunto. Este triunfo faz encarar o futuro da melhor maneira; mas é necessário lembrar que todos os jogos são, como já dissemos anteriormente, autênticas finais decisivas e, portanto, têm de ser encarados com todos os cuidados. Todas as equipas lutam com o mesmo fim, numa tentativa de mostrarem evidência e, assim, são capazes de tentarem, no nosso campo, aquilo que nos colocou em evidência nesta jornada.

Inicialmente, no encontro de Coruche, a vantagem foi do grupo da casa, mas rectificado o plano do jogo vimezanense, para colmatar as brechas abertas com o sistema do adversário, os vitorianos ficaram senhores do jogo e alcançaram o resultado que ninguém foi capaz de contestar. Não há praticamente nomes a destacar entre os jogadores vimezanenses. A equipa valeu pelo seu conjunto e foi deste que resultou o valioso resultado. Se a defesa se mostrou impecável no cobrimento da zona de baliza, dentro desta o guarda-redes esteve perfeito. Se os médios ligaram bem com a avançada e se entreajudaram a defesa como lhes competia, o ataque primou pelo seu sentido de coordenação, retendo a bola em seu poder o tempo suficiente para fazerem predominar o valor da equipa.

Ficha do jogo: Vitória — Silva, Virgílio e Bibelino; Cesário, Silveira e Artur; Rola, Rinaldi, Ernesto, Rosato e Bengé; Coruchense — Sérgio, Baillão e Narciso; Veríssimo, Prates e Rocha; Panoias, Manuel Jorge, João, Rodolfo e Diógenes. Arbitrou Joaquim Campos, de Lisboa.

Os vimezanenses fizeram um gol, na primeira parte, por Ernesto e os coruchenses empataram, depois de iniciado o segundo tempo, por Manuel Jorge, para Bengé estabelecer o resultado final com um óptimo tento de livre.

Resultados gerais da jornada: Coruchense, 1-Vitória, 2; Salgueiros, 3-Olhãense, 0 e Oriental, 2-Boavista, 0.

Hoje joga-se a segunda jornada desta *poule* com os encontros seguintes: Vitória-Oriental, Boavista-Salgueiros e Olhanense-Coruchense.

Na Amorosa temos um encontro de capital importância. Dois triunfadores da primeira jornada jogam entre si, ambos desejosos de alcançarem a supremacia na tabela da classificação. Por isso há neces-

sidade da maior cautela com este encontro. A vantagem de jogar em casa é de atender, mas nunca deve ser tida de maneira a criar o espírito de excessiva confiança. Tem de haver a noção exacta das dificuldades que os encontros desta *poule* contêm, tendo sempre em vista que, a perda de um ponto em casa, pode redundar na inutilização de todas as vantagens alcançadas fora. Confiamos sinceramente no mérito dos jogadores, na sua noção de responsabilidade e também acreditamos no apoio constante do público que, com o seu incantamento permanente, pode contribuir muito para o alcance do resultado que é desejo de todos.

L. R.

GALERIA

António Faria Martins

Quando esta secção desportiva tomou a orientação, que tem tido ultimamente, criaram-se nela umas diversas rubricas que serviram, totalmente, o fim que a mesma tem em vista. Uma delas foi esta Galeria, onde se foram colocando «retratos» de algumas individualidades em evidência no Desporto local. Com o fim de a valorizar não têm sido muitos aqueles que aqui temos evidenciado (a). Aos já merecedores desta referência juntamos hoje o nome de António Faria Martins.

A razão desta homenagem é o seu regresso à função de Director da Associação de Futebol de Braga. No acto de posse da nova gerência do Organismo Regional de Futebol já foi devidamente evidenciada a sua figura e o mérito da sua capacidade de bem dirigir. Propositadamente o dirigente do Vitória, que representou o Clube no referido acto, não teve quaisquer palavras sobre o mencionado regresso, porque esperou que as outras pessoas presentes e estranhas a Guimarães, realçassem a figura valiosa de dirigente que é António Faria Martins. E assim aconteceu de facto, tendo sido devidamente evidenciado o regresso dum dirigente que já anteriormente, da forma mais cabal, tinha contribuído para o prestígio do futebol minhoto.

António Faria Martins foi anos consecutivos dirigente da Associação de Futebol de Braga. A sua acção vem desde o tempo em que a luta regional era de tal modo *aspera*, que era preciso estar sempre atento para que não houvesse desvirtuamento de resultados nos torneios regionais. Vencedor absoluto de todas as lutas que teve de travar na defesa dos interesses do Vitória, António Faria Martins foi, pouco a pouco, conquistando a confiança de todos e atingiu, dentro da Associação Regional, um lugar de evidência que ninguém como ele, até hoje, ocupou. Durante esse longo período pode-se dizer que o futebol do Minho atingiu o ponto culminante do seu valor.

Além do Vitória, o Famacão e o Sporting de Braga subiram à I Divisão. A defesa dos interesses regionais foi tratada sempre junto dos Organismos Superiores de maneira a poder reivindicar para o Minho todos os direitos que o mesmo merecia. A sua acção foi, em resumo, tão proveitosa, que a sua ausência de alguns anos, fez desejar-lo novamente por todos com a maior sinceridade.

Está o futebol minhoto vivendo um momento de crise. O Vitória baixou, na época passada, à II Divisão. Ao Sporting de Braga o mesmo destino nos parece que está traçado. Felizmente os vimezanenses reagiram de modo a predizer-se que voltarão ao lugar de evidência de que não mereciam ter saído. Esperamos que na sede do Distrito um movimento análogo, ao realizado em Guimarães, se faça e permita a revalorização do Sporting de Braga. António Faria Martins regressa à Associação Regional precisamente na altura em que a sua acção vai ser evidentemente útil. Com a colaboração dos restantes membros da Direcção da Associação, dum maneira especial com a ajuda do sr. Eng.º Luís Cruz e Silva, muito há a esperar deste Organismo no sentido de valorizar o futebol regional e permitir que ele volte a ter aquela categoria que somente com o auxílio dos Organismos coordenadores se pode conseguir.

(a) Dr. José Pinto Rodrigues, Antero Henriques da Silva, Eng.º Alberto Costa Guimarães e o treinador Cândido Tavares.

Campeonato Nacional de Juniores

O D. F. Holanda venceu, no domingo passado, na Amorosa, o Desportivo de Bragança por 6-2. Concluiu assim a *poule* em que andou envolvido e onde desenvolveu uma actividade do maior mérito e prestígio para o futebol vimezanense. Este encontro pouca história deu para contar. Na primeira parte os visitantes ainda equilibraram um pouco a contenda, mas depois, no segundo tempo, a capacidade dos *escolares* veio ao de cima e estes foram senhores absolutos do jogo.

Vai iniciar-se hoje a *poule* que, no Norte, apurará um dos finalistas deste campeonato. São adversários dos vimezanenses o F. C. do Porto, a Associação Académica de Coimbra e o Salgueiros. Assim se tornarão muito mais difíceis os jogos futuros, do que o foram os até agora disputados. Os *escolares* devem compenetrar-se bem desta realidade, mas tendo também sempre bem presente a noção de que júniores são jogadores todos iguais. Depende sobretudo do espírito de entreajuda, do esforço comum, a obtenção dos bons resultados. Se houver sempre espírito de sacrifício e não aparecerem lesões ou castigos que desvirtuem o valor da equipa, esperamos um resto de prova que seja a confirmação da capacidade já evidenciada.

Hoje o D. F. Holanda desloca-se a Coimbra, onde defrontará a equipa da Associação Académica. Desejamos-lhe o melhor resultado e ficamos certos de que se esforçará por obtê-lo.

Campeonatos Concelhos de Ténis de Mesa

A exemplo dos anos anteriores, o Grupo Musical «Ritmo Louco» está a realizar, na sede dos «20 Arautos» de D. Afonso Henriques, os campeonatos concelhios de ténis de mesa. Concorrem a este torneio sete equipas, representando o Grupo organizador, «Os 20 Arautos», o Sindicato dos Caixeiros, Clube de Caçadores, o D. F. Holanda, a F. N. A. T. e os «Companheiros da Alegria», num total de vinte e quatro concorrentes.

Têm sido muito concorridas as diversas sessões de jogo e no momento presente a classificação colectiva é comandada pela equipa dos «20 Arautos», seguida do Sind. Caixeiros e C. Caçadores. Individualmente encimam a classificação: Leite, da F. N. A. T., A. Fernandes e L. Costa, dos «Arautos», seguidos de Silva Guimarães, do S. Caixeiros, aparentando-se como favoritos da competição.

Uma excursão a Olhão

quando da visita do Vitória ao Algarve

A Direcção do Vitória S. Clube está a estudar a deslocação da sua equipa para o jogo Olhanense-Vitória, a jogar em Olhão no próximo mês de Abril, pensando em organizar uma excursão para os seus associados, em auto-carros, que assim visitariam uma das mais formosas regiões do País e simultaneamente dariam o seu necessário incitamento à equipa vimezanense.

Jogo Vitória-Oriental

Comunica-nos a Direcção do Vitória Sport Clube de que a entrada para o jogo de hoje, Vitória-Oriental, somente pode ser feita pelos portões habituais da *estrada da Conceição*, podendo ser utilizada na saída a passagem dos terrenos do futuro Estádio Municipal.

Tomaram posse os novos dirigentes do «Desportivo F. Holanda»

Tomaram posse na 4.ª-feira, os novos Corpos Gerentes do progressivo grupo «Desportivo Francisco de Holanda», tendo presidido ao acto o sr. dr. José Catanas Diogo, Vereador da Cultura, em representação do sr. Presidente da Câmara, secretariado pelos srs. Diamantino Augusto Soares Mourão, representante da Associação de Futebol de Braga, e José Armando de Sousa Pinto, secretário da Assembleia Geral. A assistência era constituída por muitos associados, vindo-se entre ela representantes de diversos organismos desportivos do concelho.

Falaram no decorrer da brilhante sessão solene, os srs. Eng.º Alberto Costa, que em nome da direcção do Vitória Sport Clube e também em seu nome pessoal, prestou homenagem aos corpos gerentes do «Desportivo», fazendo votos para que continue, como até aqui, a prestigiar o desporto local e se referiu à brilhante actuação no Campeonato de Juniores; Diamantino Mourão, que felicitou os directores do «Desportivo» e lhes desejou o maior êxito na sua gerência; Lourenço Teixeira Alves Pinto, que se referiu aos esforços empregados em prol do engrande-

cimento do seu querido Clube, cujo sonho se tornou consoladora realidade, e Abílio Fernandes Novais, que prometeu empregar os melhores esforços, com a coadjuvação da massa associativa, a cuja dedicação se referiu, para bem desempenhar-se da sua missão na presidência do Clube.

Falou por último o sr. dr. J. Catanas Diogo. Cumprimentou os representantes dos clubes e da Imprensa, felicitou os dirigentes do «Desportivo Francisco de Holanda» e fez algumas considerações sobre os progressos daquele grupo a que desejou as maiores felicidades para honra do Desporto.

Foram empossados naquela reunião os novos corpos gerentes constituídos pelos srs.:

Assembleia Geral — Presidente, Fernando Ramos Camisão; 1.º Secretário, José Armando de Sousa Pinto; 2.º Secretário, António Carneiro.

Conselho Fiscal — Presidente, Eduardo de Oliveira Machado; 1.º Secretário, António de Freitas; Relator, Manuel Joaquim da Silva Guimarães.

Direcção — Presidente, Abílio Fernandes Novais; Vice-Presidente, Lourenço Teixeira Alves Pinto; 1.º Secretário, José Fernando de Pina da Costa Barreira; 2.º dito, Francisco José Ribeiro Jordão; Tesoureiro, Armando Duarte; Vogal, Augusto Barreira; 2.º dito, João da Mota Ribeiro Júnior.

SOCIEDADE COLUMBÓFILA DE GUIMARÃES

No decorrer de uma sessão solene que se efectuou na 4.ª-feira, à noite, no salão nobre da Associação Humanitária dos B. V. de Guimarães e que registou numerosa concorrência de sócios da Sociedade Columbófila de Guimarães, tendo sido presidida pelo ilustre Presidente da Câmara Municipal de Guimarães, sr. dr. José Maria de Castro Ferreira, procedeu-se, por entre aplausos, à distribuição dos seguintes prémios: Manuel Leite Pereira, vencedor da Taça Município; Miguel Lopes de Carvalho, 2.º Valencia del Cid; Augusto da Costa Monteiro, 3.º Valencia del Cid; José Matias de Carvalho, 1.º Albacete; Martinho de Almada Azenha, 2.º Albacete; João da Silva, 3.º Albacete; Abílio Forte, 1.º Equipe; José Matias, 2.º idem; Manuel de Freitas, 3.º idem; Domingos Alves Ferreira e Benjamin de Castro Alves Ferreira, 4.º idem; Domingos Gonçalves Ribeiro, 5.º idem; Augusto Monteiro, 6.º idem; António Amélio Amorim, 7.º idem; Martinho de Almada Azenha, 8.º idem; João Ribeiro, 9.º idem; José Fernando Afonso Maduro, 10.º idem.

Foi feita ainda a distribuição de outras classificações, sendo todos os premiados muito ovacionados. Falaram para se referirem àquele acto e saudarem o sr. Presidente da Câmara, também columbófilo N.º 1 da Sociedade de Guimarães, os srs. Domingos Alves Ferreira e Benjamin de Castro Alves Ferreira, que se referiram aos êxitos da S. C. G. em concursos nacionais e internacionais realizados.

Por último o sr. Presidente da Câmara felicitou os premiados e manifestou a grande satisfação que sentia ao assistir àquela sessão, congratulando-se com os êxitos da Sociedade Columbófila.

Os prémios distribuídos atingiram a soma de 7.500 escudos, incluindo o valor das taças.

Notícias de Guimarães n.º 1263 -- 18-3-1956



COMARCA DE GUIMARÃES
Secretaria Judicial

ANÚNCIO

(1.ª publicação)

Pela segunda secção do segundo Juízo de Direito da comarca de Guimarães correm êditos de vinte dias contados da segunda e última publicação deste anúncio, citando os credores desconhecidos da executada Aurora da Silva, viúva, doméstica, da freguesia de Lagares, da comarca de Felgueiras para, no prazo de dez dias, posterior àquele dos êditos, deduzirem os seus direitos nos autos de execução hipotecária que contra a referida executada move Bernardino Alves Marinho, casado, comerciante, da rua de Santo António, desta cidade de Guimarães.

Guimarães, 8 de Março de 1956.

O Juiz de Direito,
Carlos Maria Afonso de Castro.

P.O. Chefe de Secção, 185

Aristides Ferreira Monteiro.

Notícias de Guimarães n.º 1263 -- 18-3-1956



COMARCA DE GUIMARÃES
Secretaria Judicial

ANÚNCIO

2.ª publicação

Por este se anuncia que no dia 14 do próximo mês de Abril, pelas 11 horas, no lugar do Pevidém, desta comarca, em virtude do ordenado na carta precatória vinda do Tribunal do Trabalho de Braga, extraída da execução por custas que o Ministério Público move contra «Francisco de Sousa Almeida, Filhos», com sede naquele sítio, se há-de proceder à arrematação do móvel abaixo indicado, pelo maior lance que for oferecido acima do que vai indicado, penhorado na referida execução.

A PRACIAR

Uma encarretadeira com 50 bobines e respectivo motor de dois cavalos, eléctrico, que vai à 1.ª praça pela quantia de trinta mil escudos—30.000\$00.

E' depositário Luis de Sousa Almeida, solteiro, maior, do dito lugar.

Guimarães, 7 de Março de 1956.

O Chefe da 2.ª Secção,
Maurício da Ponte Machado.

Verifiquei.

O Juiz de Direito do 1.º Juízo, 174

Carlos Maria Afonso de Castro.

PENSÃO SÃO JORGE

1.ª CLASSE

R. Castilho n.º 59-1.º — Tel. 49906

LISBOA

A MAIS MODERNA

Conforto, Seleção, 91

Excelente Cozinha

DIÁRIAS DESDE ESC. 50\$00

Sapataria ESTRELA

Rua de S. Dâmaso, 121-125
(Junto à Mariaqueira)

OFICINA PERMANENTE DE CONSERTOS

CALÇADO PARA HOMEM, SENHORA E CRIANÇA

Calçado por Medidas

Mande consertar calçado nesta Casa 98

Garante o que Vende

SOFRE DOS CALOS?

Não perca tempo e dinheiro com deslocações a outras terras para os tratar!

Trate-os em Guimarães, no Largo Condessa do Juncal, 27-1.º. Telefone 40471. 17

AVISO

V.º de Francisco Abreu, com Fábrica de Cartonagem, declara para os devidos efeitos que não toma responsabilidade por compras ou actos praticados em seu nome, assim como os recibos só com a sua assinatura poderão ser pagos. Guimarães, 9 de Março de 1956. 180

Guimar, L. da - Empreitadas

PÁSCOA de 1956

Pão de Ló da CLARINHA

Guimarães

EMBALAGEM ESPECIAL 191

Tubos termo-plásticos Unilene

A conduta ideal para:

Águas, Vinho, Ácidos e Ar comprimido

Não quebra, não apodrece

Não altera, é soldável

FORNECIDO EM BOBINES DE 25-50-100

ACESSÓRIOS para todas as aplicações

Agente em Guimarães:

GUIMAR, L. DA

Avenida Conde de Margaride — Guimarães

TELEFONE 4115 (2 linhas) 155

CHÁS MEDICINAIS «HERBIS»

Usados na Alemanha há cerca de 50 anos

HERBIS N.º 1 Dissolvente do ácido úrico	HERBIS N.º 4 Azia e más digestões	HERBIS N.º 8 Fígado e vesícula
HERBIS N.º 2 Regularizador da Circulação	HERBIS N.º 5 Contra bronquites	HERBIS N.º 9 Contra o hemorroidal
HERBIS N.º 3 Depurativo do sangue	HERBIS N.º 6 Nervos e insónias	HERBIS N.º 10 Tónico do coração
	HERBIS N.º 7 Rins e bexiga	HERBIS N.º 11 Laxativo suave

PACOTES DE 100 GRAMAS

Preparados segundo fórmulas do Dr. E. Richter, de Munich 86

AGENTE

Precisa-se para vender drogas, insecticidas, etc., à comissão, na praça de Guimarães. Responder para Braga, Rua Eng.º Frederico Ulrich, 42-2.º.

192

Use Gazcidla

ATELIER DE COSTURA

Rosa de Jesus comunica que abriu o seu atelier na Rua de S. Francisco N.º 8, nesta cidade, onde receberá a visita das suas clientes. 161

DISCOS PHILIPS

(em distribuição de Ricardo Lemos)

A. GOUVEIA 185

R. PAIO GALVÃO—Stand 10 e 11